

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

RODRIGO PEREIRA PENICHE

NARRATIVA DA CRIAÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE A
TRÍADE BÍBLICA E IORUBANA

CURITIBA

2024

RODRIGO PEREIRA PENICHE

**NARRATIVA DA CRIAÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE A
TRÍADE BÍBLICA E IORUBANA**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação Stricto
Sensu em Teologia da Escola de
Educação e Humanidades da Pontifícia
Universidade Católica do Paraná, Área
de Concentração 'Teologia,
Evangelização e Diversidade Religiosa,
Linha de Pesquisa Teologia Pastoral
como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Teologia.

Orientador: Dr. Marcial Maçaneiro

**CURITIBA
2024**

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Edilene de Oliveira dos Santos CRB 9 / 1636

P411n
2024 Peniche, Rodrigo Pereira
Narrativa da criação : um diálogo entre a tríade bíblica e iorubana / Rodrigo
Pereira Peniche ; orientador: Marcial Maçaneiro. -- 2024
[81] f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba,
2024
Inclui bibliografia

1. Teologia. 2. Criação. 3. Cosmogonia. 4. Cosmovisão. 5. Iorubá (Povo africano).
6. Histórias bíblicas. 7. Pluralismo religioso. I. Maçaneiro, Marcial.
II. Pontifícia Universidade Católica do Programa de Pós-Graduação em Teologia.
III. Título

CDD 20. ed. – 230



Programa de
PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
PUCPR

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 006.2024 DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos onze dias de março de dois mil e vinte e quatro, reuniu-se às dez horas, a Banca Examinadora constituída pelos docentes: Prof. Dr. Marcial Maçaneiro, Prof. Dr. José Antônio Boareto, Prof. Dr. Elias Wolff, para examinar a Dissertação do mestrando Rodrigo Pereira Peniche, ano de ingresso 2022, aluno do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Área de concentração: Teologia Sistemático - Pastoral - Linha de Pesquisa: "Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa". O mestrando apresentou a dissertação intitulada "Narrativa da Criação: um diálogo entre as tríades bíblica e yorubana". O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, foi APROVADA pela Banca Examinadora, com indicação de publicação. A sessão encerrou-se às 12h05. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pelo presidente da Banca Examinadora e pela coordenação do Programa. Os avaliadores participaram da banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e estão de acordo com termos acima.

Prof. Dr. Marcial Maçaneiro - Presidente/Orientador

Prof. Dr. José Antônio Boareto - Convidado Externo

Prof. Dr. Elias Wolff - Convidado Interno



Prof. Dr. Waldir Souza

Coordenador interino do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu

Èşù pa ẹyẹ kan láná, pẹlú òkúta pé ọ́á jù lóní

Èşù matou um pássaro ontem, com
uma pedra que só atirou hoje

AGRADECIMENTOS

Epà Èṣù!!!

Começo meus agradecimentos saudando a Ele, o Senhor da boa palavra e encruzilhadas, Èṣù. Dou graças a Ele, que me pôs em boas encruzilhadas, firmou meus pés e me deu a boa palavra para que a presente dissertação de Mestrado fosse concluída com êxito.

Aos meus ancestrais, especificamente aos meus pais, Américo Dias Peniche e Antonia Pereira, dois quilombolas sonhadores, que saíram de suas respectivas comunidades e tentaram uma vida melhor na grande São Paulo. Aqui, quero trazer à memória as palavras de minha mãe (uma mulher preta e auxiliar de limpeza) que frequentemente me dizia: “Meu filho, estuda, estuda muito, pois nós, que somos da cor, só temos valor com estudo”.

Ao meu amor de todas as minhas vidas, Gabriel, pelo afeto, pelas indicações de centenas de bibliografias e por sempre me lembrar da minha grandeza, eu te amo em todas as dimensões possíveis.

A mim mesmo, pois mesmo nas noites em claro, onde as palavras não surgiam e a escrita não fluía, jamais desisti do meu objetivo maior, tornar-me o primeiro Mestre da família.

Ao meu orientador, o brilhantíssimo Dr. Marcial Maçaneiro, pelo encorajamento, pelas reuniões de alinhamento e pelas sugestões, agradeço principalmente também por ter sido um instrumento de Èṣù ao me convidar lá por meados de 2017 para participar do seu programa de iniciação científica, que tinha como foco a criação na tradição Yorùbá. Hoje, compreendo que o convite foi direcionado pelos bons Senhores Èṣù e Ọbàtálá.

Aos queridos amigos, M^a Amanda Ribeiro e Dr. Lucas Braga Medrado da Silva, pelas orientações, pelas sugestões e principalmente por me lembrarem da importância de uma escrita acadêmica antirracista.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos que permitiu a dedicação exclusiva a este trabalho.

RESUMO

A presente dissertação tem como temática a narrativa da criação presente nas tradições bíblica e iorubana, respectivamente no Livro do Gênesis (Gn 1–2) e nos mitos iorubanos da Criação (mitos maiores). Insere-se na Área de concentração em Teologia Sistemática, Pastoral e Espiritualidade do PPGT; na Linha de Pesquisa em Ecumenismo, Diálogo Inter-religioso e Casa Comum. Após observações sobre o método e apresentação das fontes, faz-se uma análise dessas narrativas, a começar do Livro do Gênesis, com a tríade Adonai-Dabar-Ruah e suas operações no ato de criar e ordenar o mundo. Em seguida, é contemplada a narrativa yorubana da Criação (mitos maiores e conexões), com atenção à tríade Olódùmarè-Ọ̀bàtálá-Odùduwà. Após uma exegese básica dessas narrativas – no contexto do judaísmo e da religião tradicional Yorùbá – se tem em vista definir as divindades ali postas, seus atributos e sua participação no ato criador. Note-se que não se trata de uma pesquisa sobre o Candomblé brasileiro e seu credo; mas de uma leitura das narrativas à luz do pensamento Yorùbá contemporâneo, que privilegia a interpretação de autores Yorùbá-africanos da atualidade, próximos às fontes religiosas da África. Ainda que as narrativas tenham cada qual uma tríade divina, as correspondências não significam coincidência, mas preservam as distintas teologias e cosmovisões. Assim, os capítulos 1 e 2 apresentam uma análise dos atributos cosmogônicos das entidades mencionadas, em vista de uma abordagem comparativa: atributos e potências criadoras das duas tríades (bíblica e iorubana); convergências entre esses atributos; distinções e/ou peculiaridades, para cada divindade ou potência criadora. O capítulo 3 ensaia uma aplicação da análise em três planos: afirma-se a necessidade de se conhecer o pensamento religioso iorubano contemporâneo; valoriza as fontes ancestrais para a superação do racismo e a releitura decolonial das mesmas; elenca as virtudes ecológicas que as narrativas propõem, para o respeito com a Criação e o cuidado ambiental. Esses resultados são recolhidos nas conclusões, com incentivo a que se continue pesquisando o pensamento religioso africano no contexto do Ensino brasileiro, com destaque à Teologia e à Educação ambiental.

Palavras-chave: Criação. Cosmogonia. Cosmovisão. Povos Yorùbá. Povos bíblicos. Diálogo inter-religioso.

ABSTRACT

The present dissertation focuses on the narrative of creation found in the biblical and Yoruban traditions, specifically in the Book of Genesis (Gn 1–2) and the Yoruban Creation myths (major myths). It falls within the Concentration Area of Systematic Theology, Pastoral, and Spirituality of the PPGT; in the Research Line of Ecumenism, Interreligious Dialogue, and Common Home. After discussing the methodology and presenting the sources, an analysis of these narratives is undertaken, starting with the Book of Genesis, featuring the Adonai-Dabar-Ruah triad and their operations in the act of creating and ordering the world. Following this, the Yoruban narrative of Creation (major myths and connections) is explored, paying attention to the Olódùmarè-Ọ̀bàtálá-Odùduwà triad. Following a basic exegesis of these narratives – within the context of Judaism and the traditional Yorùbá religion – the aim is to define the deities portrayed, their attributes, and their participation in the creative act. It is important to note that this is not a study of Brazilian Candomblé and its creed but rather an interpretation of the narratives in light of contemporary Yorùbá thought, focusing on the interpretation of Yorùbá-African authors with close ties to the religious sources of Africa. Despite each narrative having its own divine triad, the correspondences do not imply coincidence but rather preserve distinct theologies and worldviews. Chapters 1 and 2 present an analysis of the cosmogonic attributes of the mentioned entities, with a view to a comparative approach: attributes and creative powers of both triads (biblical and Yoruban); convergences between these attributes; distinctions and/or peculiarities for each deity or creative power. Chapter 3 attempts to apply the analysis on three levels: emphasizing the need to understand contemporary Yoruban religious thought; valuing ancestral sources for overcoming racism and a decolonial reinterpretation of them; listing the ecological virtues proposed by the narratives for respect towards Creation and environmental care. These findings are gathered in the conclusions, encouraging further research on African religious thought within the Brazilian educational context, with a focus on Theology and environmental education.

Keywords: Creation. Cosmogony. Cosmovision. Yoruba peoples. Biblical peoples. Interreligious dialogue.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: A CRIAÇÃO NAS NARRATIVAS YORÙBÁ E BÍBLICA	12
1.1 A Criação na perspectiva Yorùbá.....	13
1.1.1 Cultura, mitologia e cosmologia Yorùbá	14
1.1.2 O panteão Yorùbá	18
1.1.3 A tríade Ọbàtálá, Odùduwà, Olódùmarè.....	24
1.2 A Criação na perspectiva bíblica do Gênesis.....	32
1.2.1 Cultura, religião e cosmogonia no Gênesis	35
1.2.2 A tríade Elohim, Dabar, Ruah.....	36
1.3 NARRATIVAS BÍBLICA E YORÙBÁ DA CRIAÇÃO.....	40
1.3.1 Narrativa da Criação em Gênesis	41
1.3.2 Narrativa Yorùbá da Criação: o mito maior.....	45
CAPÍTULO 2: ANÁLISE DOS ATRIBUTOS COSMOGÔNICOS	47
2.1 Atributos cosmogônicos da tríade do Gênesis.....	48
2.2.1 Atributos de Elohim.....	48
2.2.2 Atributos de Dabar.....	49
2.2.3 Atributos de Ruah.....	52
2.3. Atributos da tríade criadora yorubana	53
2.3.1 Olódùmarè.....	54
2.3.2 Ọbàtálá.....	55
2.3.3 Odùduwà	56
2.4 Aproximação e distinção das divindades criadoras	57
2.4.1 A Criação do Cosmos	58
2.4.1.1 Elohim e Olódùmarè	58
2.4.1.2 Elohim e Odùduwà.....	59
2.4.2 A Criação do ser humano.....	61

2.4.2.1 Elohim e Obàtálá	61
CAPÍTULO 3: DIÁLOGO ENTRE A NARRATIVA BÍBLICA E YORUBANA, QUANTO À CRIAÇÃO.....	64
3.1 Valorizar e Reconhecer as Tradições Africanas:.....	64
Referências	86

INTRODUÇÃO

A incessante busca pela compreensão das tradições religiosas ao longo da história é um empreendimento de significativa relevância, pois o ato de conceber divindades desempenha um papel crucial na atribuição de sentido à existência humana. Este fenômeno reflete a diversidade de identidades e propósitos encontrados em diversas tradições religiosas globais, cujas narrativas são exemplificadas por Olódùmarè, Yahweh, Tupã, Omama e Brahma, entre outras.

No cenário religioso brasileiro, observam-se duas tradições distintas que se destacam: a tradição bíblica, fundamentada nas Sagradas Escrituras e na mensagem de Jesus Cristo, adotando o monoteísmo rigoroso e a crença na Trindade; e a tradição Yorùbá, originada na África Ocidental, caracterizada pela veneração das divindades conhecidas como Òrìṣà, tendo Olódùmarè como Deus supremo. Essas tradições, emergindo de ambientes culturais e temporais distintos, resultam em sistemas singulares de crenças, divindades e rituais, por vezes desencadeando conflitos no âmbito do diálogo inter-religioso.

Diante desse cenário multifacetado, a presente pesquisa se propõe ao desígnio maior de realizar uma especificação e análise minuciosa por meio de um estudo comparativo das narrativas das tríades Yorùbá (Olódùmarè, Odùduwà e Òṣàlá) e bíblica (Elohim, A Palavra e O Espírito). O enfoque direciona-se aos atributos relacionados à criação, almejando objetivos específicos que incluem a análise detalhada dos atributos cosmogônicos de cada divindade, a investigação profunda dos elementos simbólicos que encarnaram a essência dessas divindades e a proposição de um diálogo construtivo e enriquecedor entre as tradições bíblica e Yorùbá no que concerne ao ato criativo.

A justificativa para esta pesquisa repousa na imperativa necessidade de compreender e promover o diálogo inter-religioso entre a tradição bíblica e a tradição Yorùbá. Destaca-se a busca por identificar semelhanças simbólicas permeando suas narrativas de criação e a reverência a suas divindades respectivas. O esforço visa transpor estigmas e preconceitos frequentemente associados às religiões afro-brasileiras, proporcionando uma apreciação mais profunda das riquezas culturais e espirituais imanentes a essas tradições. Adicionalmente, a pesquisa identificará elementos de convergência e divergência que, longe de enfraquecer o diálogo inter-religioso, possam enriquecê-lo e promover um respeito mútuo entre as diversas comunidades religiosas envolvidas neste intrincado panorama.

Vale ressaltar que o Candomblé emerge como uma religião essencial para o diálogo inter-religioso em face da tradição bíblica. Nesse contexto, estudiosos como Faustino Luiz Couto Teixeira, Volney José Berkenbrock e Vagner Gonçalves da Silva têm sido pioneiros nesse diálogo. Faustino Luiz Couto Teixeira, proeminente teólogo contemporâneo, aborda a crescente importância do pluralismo religioso na reflexão teológica, destacando-se como um novo paradigma teológico no século XXI. Além disso, destaca-se o interesse crescente dos teólogos latino-americanos pelo pluralismo religioso, considerando-o um território novo e exigente, especialmente para a teologia da libertação.

Já Volney José Berkenbrock, teólogo brasileiro, contribui significativamente ao estudo do diálogo inter-religioso e da pluralidade religiosa. Seu estudo abrangente e detalhado sobre o Candomblé explora sua cosmovisão, concepção de divindade, significado de orixá e axé. Ele também se dedica a uma análise crítica das diferentes reações da Igreja Católica em relação ao Candomblé, questionando a possibilidade de um diálogo produtivo e um encontro fraterno entre fiéis de tradições tão distintas. Vagner Gonçalves da Silva, renomado antropólogo brasileiro, contribui com uma extensa pesquisa sobre religiões afro-brasileiras, especialmente o Candomblé. Seu estudo examina a complexidade dessa tradição religiosa, a persistente intolerância religiosa na sociedade brasileira e a importância do diálogo inter-religioso para promover a compreensão e o respeito mútuo. Silva analisa o Candomblé não apenas como uma prática religiosa, mas também como um elemento fundamental da identidade cultural e social de seus praticantes, destacando sua rica cosmologia, estrutura social e papel na resistência cultural.

Apesar da pesquisa de ponta e grande impacto produzida por tais estudiosos, a presente dissertação tem uma abordagem distinta. O escopo volta-se às fontes originais, tendo como referencial autores yorubano-africanos, com enfoque na tradição e culto tradicional Yorùbá, Èsìn Òrìṣà Ìbílẹ̀, bem como sua cultura, cosmogonia e mito criacional.

Por fim, é importante salientar que a abordagem metodológica adotada para esta pesquisa é qualitativa. A escolha por essa abordagem visa aprofundar a compreensão das nuances e significados subjacentes às narrativas e práticas religiosas em estudo. Por meio de métodos qualitativos, como análise textual e interpretação simbólica, a pesquisa visa captar a riqueza das experiências religiosas e contribuir para o enriquecimento do entendimento inter-religioso.

CAPÍTULO 1: A CRIAÇÃO NAS NARRATIVAS YORUBÁ E BÍBLICA

A indagação sobre as narrativas de criação presentes nas tradições religiosas mundiais constitui um desafio intelectual e teológico que demanda não apenas uma curiosidade inerente, mas também uma profunda aspiração para desvendar os mistérios cósmicos que circundam as origens do universo e da essência humana. Essas narrativas, fundamentais para a teologia e cosmovisão de diversas culturas globais, desempenham um papel crucial na formação do ethos religioso, contribuindo significativamente para a construção do significado da existência humana e influenciando profundamente os sistemas de crenças e valores éticos que norteiam comunidades inteiras. Tais narrativas da criação estão presentes em mitos, de suma importância para as tradições religiosas, dada a sacralidade presente neles, como aponta Mircea Eliade:

O mito revela a sacralidade absoluta porque relata a atividade criadora dos deuses, desvenda a sacralidade da obra deles. Em outras palavras, o mito descreve as diversas e às vezes dramáticas irrupções do sagrado do mundo. Por esta razão, entre muitos primitivos, os mitos não podem ser recitados indiferentemente em qualquer lugar e época, mas apenas durante as estações ritualmente mais ricas (outono, inverno) ou no intervalo das cerimônias religiosas – numa palavra, num lapso de tempo sagrado. É a irrupção do sagrado no mundo, irrupção contada pelo mito, que funda realmente o mundo. Cada mito mostra como uma realidade veio à existência, seja ela a realidade total, o Cosmos, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, uma instituição humana. Narrando como vieram à existência as coisas e os homens, e, explicando-os e responde indiretamente a outra questão: por que elas vieram à existência? O “por que” insere-se sempre no “como”? E isto pela simples razão de que, ao se contar como uma coisa nasceu, revela-se a irrupção do sagrado no mundo, causa última de toda existência real. (ELIADE, 1992, p.51)

Eliade destaca a relação entre mito, sacralidade e a criação do mundo. Ele ressalta que os mitos não são apenas narrativas, mas revelam a sacralidade ligada à atividade criadora dos deuses. A sacralidade, expressa nos mitos, representa uma irrupção do sagrado no mundo, fundamentando a realidade. A ideia de recitar mitos em contextos

rituais sugere a sacralidade temporal dessas narrativas. Eliade destaca que os mitos não apenas explicam as origens ("como") mas também respondem à questão do propósito da existência ("por que"). Assim, os mitos, ao descreverem as origens, revelam a essência da existência e conferem significado às realidades cósmicas, naturais e humanas.

Vale também ressaltar que tais mitos foram transmitidos inicialmente oralmente, marcando a memória coletiva e a identidade cultural das comunidades, e posteriormente passaram a ser transmitidos pela escrita, consolidando-se como textos sagrados que continuam a orientar e inspirar as práticas religiosas e o pensamento teológico.

Este capítulo visa explorar as dimensões teológicas subjacentes às perspectivas de criação nas veneráveis tradições Yorùbá e bíblica. Iniciaremos nossa exploração adentrando nas profundezas da tradição Yorùbá, enraizada na rica tapeçaria cultural da África Ocidental. Tal tradição é iluminada por uma cosmogonia complexa, onde a interação entre os Òrìṣà e o cosmos revela uma teologia intrincada que espelha o dinamismo e a interconectividade da vida. A análise detalhada do panteão Yorùbá oferece percepções valiosas sobre a compreensão da divindade, da humanidade e da ordem natural.

Prosseguiremos com um exame cuidadoso da perspectiva bíblica da criação, fundamentada no livro do Gênesis. Esta seção intenta desvendar a rica intersecção entre cultura, religião e cosmogonia bíblica, com especial atenção à tríade teológica composta por Elohim, Dabar (a Palavra) e Ruah (o Espírito), elementos que refletem profundamente sobre a ontologia divina e a teleologia da criação.

A despeito de não empreendermos uma comparação exaustiva entre as narrativas de criação Yorùbá e Bíblica neste capítulo, nossa metodologia ressaltará as características distintivas dessas duas tradições religiosas. Por meio desta análise, propomos iluminar a forma pela qual essas narrativas de criação moldam as cosmovisões, as identidades religiosas e as práticas rituais de seus adeptos.

1.1 A Criação na perspectiva Yorùbá

A compreensão da criação tem sido uma questão central em várias tradições culturais e religiosas, cada uma oferecendo perspectivas ricas e distintas sobre a origem do universo e da humanidade. A cosmovisão Yorùbá é uma dessas visões profundas que se destacam pela sua complexidade e riqueza simbólica na explicação da criação. Esta seção se propõe a explorar a visão cosmogônica dos Yorùbá, oferecendo uma análise

detalhada baseada em fontes antropológicas e mitológicas, a fim de compreender como a cultura Yorùbá compreende a origem do universo e a relação entre o divino, o humano e o mundo natural.

Para aprofundar essa investigação, recorreremos a fontes etnográficas e mitológicas que registraram as tradições orais e rituais dos Yorùbá, destacando obras clássicas como “A History of the Yorùbá People” de Stephen Adebajji Akintoye, “Olódùmarè: God in Yorùbá Belief” de Emanuel Bolaji Idowu, “The Handbook of Yorùbá Religious Concepts” de Baba Ifa Karade, “The Yorùbá: a New History” de Akinwumi Ogundiran, entre outras fontes consagradas que nos oferecem percepções valiosas sobre a cosmologia Yorùbá. Através da análise dessas fontes, buscamos não apenas entender o mito da criação, mas também a maneira como ele molda a identidade, a ética e a visão de mundo do povo Yorùbá, permeando várias esferas de sua vida cotidiana e práticas religiosas.

Ao mergulhar na riqueza da narrativa Yorùbá sobre a criação, almejamos não apenas compreender uma cosmogonia ancestral, mas também reconhecer a relevância e a influência dessas crenças e mitos na compreensão contemporânea da existência humana e do cosmos. Nessa jornada, desvendaremos os intricados laços entre o divino e o humano, entre o mito e a vida prática, iluminando uma compreensão mais profunda da visão de mundo Yorùbá

1.1.1 Cultura, mitologia e cosmologia Yorùbá

Para Edward Burnett Tylor, cultura pode ser compreendida como “um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade” (CUCHE, 1999, p. 35) “. Ela se constitui por intermédio de sistemas estruturais, como princípios universais e regras inconscientes. A cultura engloba tanto o tangível quanto o intangível. Não pode ser transmitida biologicamente, mas pode ser preservada do passado e transmitida para o futuro por meio do aprendizado.

Na cultura Yorùbá, a família é o agente mais importante da cultura, pois é “a primeira unidade social e o primeiro ponto de contato e interação do indivíduo com os demais membros da sociedade” (ÀKÀNGBÉ, 2016, p. 77). Na cultura tradicional, o pai era o provedor e protetor, atendendo a todas as necessidades materiais dos membros de sua comunidade.

As mães na cultura tradicional *Yorùbá* alcançam a realização cuidando de seus maridos, gerando e cuidando de seus filhos e outros membros de sua família. A família na cultura tradicional *Yorùbá* é de natureza comunitária, se estendendo além do sistema familiar nuclear para abranger amigos e parentes, como tias, tios, primos, sobrinhos, sobrinhas, avós, irmãos e irmãs.

Nesta mesma cultura, existe um sistema tradicional de educação pela qual as crianças aprendem a sabedoria e o conhecimento tradicionais que as ajudarão a se tornar indivíduos melhores na sociedade. Embora informal, esse sistema de educação transmite atitudes e valores às crianças, integrando-as na sociedade em geral. Tal conhecimento é transmitido de forma oral, seja pelos avós ou *babaláwo*, seja por intermédio de *Ifá*¹, *oríkì*² ou *Ìtàn*.³

A tradição oral configura-se como um componente inextricável na preservação e transmissão da herança cultural profunda dos *Yorùbá*. Esses materiais culturais, abrangendo baladas, cantos, contos populares e ditos espirituosos, que “são meticulosamente transmitidos oralmente de uma geração para outra, desempenhando um

¹ Ifá é um importante sistema de adivinhação encontrado em muitas culturas da África Ocidental. Em Yorubalandia, onde Ifá é uma divindade importante, este fascinante sistema de adivinhação tem sido intimamente identificado com a história, mitologia, religião e medicina popular dos Yorubás. Os Yorubás consideram Ifá como o repositório de suas crenças e valores morais. O sistema de adivinhação Ifá e os extensos cânticos poéticos associados a ele são usados pelos Yorubás para validar aspectos importantes de sua cultura. A adivinhação Ifá é, portanto, realizada pelos Yorubás durante todos os seus ritos de passagem importantes, como cerimônias de nomeação e casamento, ritos fúnebres e a instalação de reis. Na sociedade tradicional Yorùbá, a autoridade de Ifá permeava todos os aspectos da vida, porque os Yorubás consideravam Ifá como a voz das divindades e a sabedoria dos ancestrais. (ABIMBOLA, 1977, p.5)

² Oríkì são epítetos atributivos que são centrais no contexto social, religioso e vida política do povo Yorùbá. Eles são vocativos em endereço e nome semelhante na forma, disjuntivos tanto em relação um ao outro quanto internamente, e condensado e alusivo em referência. ” Um texto ou performance de oríkì é um conjunto de elementos potencialmente separados e diversas unidades que podem ser executadas em ordens variadas e combinações. Essas diversas unidades são mantidas juntas pela sua aplicação comum a um assunto específico. O objetivo do oríkì não é contar uma história completa, mas alude a incidentes sobre os feitos heroicos e as qualidades do sujeito elogiado. É o acumulado significado dos atributos e o significado do feitos que constroem a estrutura heroica do oríkì. (BARBER, 1991, p.13)

³ Os itans são narrativas de acontecimentos míticos e históricos que integram os odus de Ifá (SÀLÁMÌ, 2015, p.440)

papel essencial na construção e sustentação da identidade coletiva do povo Yorùbá” (FALOLA,2016, p.255).

Enquanto fenômeno cultural, a tradição oral abarca uma diversidade de elementos, desde a documentação do conhecimento até a salvaguarda de narrativas de origem. A narrativa da criação, onde a população é concebida como sendo formada por Deus (Olódùmarè) e enviada dos céus para povoar o mundo, exemplifica uma dessas histórias preservadas oralmente. Outra tradição sugere a migração do povo Yorùbá do leste para Ilé-Ifè, com Odùduwà liderando esse grupo celestial ou migratório. Essas narrativas, intrinsecamente vinculadas à tradição oral, transcendem a mera documentação de eventos históricos, refletindo os valores fundamentais e a cosmovisão inerentes ao povo Yorùbá.

Além das narrativas de origem, a tradição oral assume uma função pedagógica crucial, sendo um veículo para a transmissão de lições morais, valores e sabedoria prática às gerações subsequentes. Mesmo diante das críticas, que incluem desafios à capacidade humana de recordação ao longo do tempo e potenciais viés e exageros, os historiadores advogam pela importância de integrar as tradições orais com evidências provenientes de outras fontes, como a arqueologia, para uma compreensão holística e confiável da história.

Vale ressaltar que, ainda hoje, os Yorùbá buscam preservar suas tradições, como aponta Ìjàòlá:

A fim de salvaguardar a veracidade dessas tradições, especialmente em locais como Òyó, grupos de historiadores locais treinados, conhecidos como arókin, eram associados às cortes reais. Sua incumbência abrangia não apenas a documentação e preservação, mas também a disponibilização desses tesouros culturais quando necessário, além da transmissão ininterrupta através das eras. (ÌJÀÒLÁ,2016, p.256)

No contexto das críticas, a riqueza intrínseca da tradição oral emerge como uma ferramenta poderosa para desafiar concepções eurocêntricas equivocadas sobre a África. Esta tradição, conjugada com evidências provenientes de disciplinas diversas, contribui substancialmente para a compreensão e apreciação da rica herança yorubana, refutando a noção errônea de que a história africana somente iniciou com a chegada dos europeus. Destarte, a tradição oral perdura como um patrimônio inestimável na preservação da identidade cultural e história dos Yorùbá.

O desejo do povo Yorùbá por uma origem mítica para suas crenças religiosas e suas inúmeras divindades, conhecidas geralmente como Òrìṣà, encorajou-os a formular

diferentes tipos de mitos, lendas e histórias sobre a origem e a natureza sobre-humana e os poderes extraordinários desses objetos de adoração. Essas crenças compartilhadas funcionam como fatores unificadores dentro da diáspora. Efetivamente, são as marcas da cultura, pois esses mitos nortearam a existência e convivência na sociedade Yorùbá.

Para os Yorùbá, os mitos têm três funções básicas: conhecimento, pois transmitem uma hermenêutica sobre a realidade, além de serem considerados verdades, tendo como arcabouço a tradição desse grupo. Acomodação, já que ali o homem Yorùbá encontra um local de segurança e conforto, onde, por meio de rituais mágicos, também presentes nesses mitos, busca o controle sobre acontecimentos cotidianos. Organização social: os Yorùbá têm plena compreensão de que a sociedade só se move por intermédio da tradição; logo, ela é o norteador dessa comunidade.

Segundo José Beniste, tais mitos podem ser separados nos seguintes grupos:

1. Mitos teogônicos: Relatam o surgimento de Deus e suas entidades poderosas;
2. Mitos cosmogônicos: Referem-se às origens do Universo e dos homens;
3. Mitos de renovação: invocam Deuses e protetores do Universo, assim como divindades destruidoras;
4. Mitos escatológicos – são aqueles que preveem o fim da humanidade ou parte dela. (BENISTE, 2015, p.33)

Cosmologia é o estudo da estrutura e dinâmica constituinte do universo. Na visão Yorùbá a cosmologia fornece a janela proverbial para encontrar respostas para questões associadas a origem do mundo, seres humanos e sua relação com Olódùmarè, o Ser Supremo. Assim como em grande parcela das religiões, o cosmos Yorùbá é dividido em dois mundos e existência: mundo espiritual e mundo natural.

O mundo espiritual é o lar das forças sobrenaturais como Olódùmarè, os Òrìṣà (todas as divindades), os Ajogun (antideuses ou poderes sobrenaturais malignos), os Àjé e os ancestrais.

O mundo natural é composto por humanos, animais e plantas. Os seres espirituais visitam o mundo natural regularmente e, por meio de adivinhação, sacrifício e possessão espiritual, os seres naturais também podem participar do mundo espiritual

ocasionalmente. Os mundos espiritual e natural são, portanto, interdependentes. Segundo Kólá Abímbólá:

O cosmos Yorùbá possui certa proximidade com o cosmos islâmico e cristão, isso se dá, pois o Ọràn é semelhante ao céu e o Ayé é semelhante ao nosso mundo. A Teologia Yorùbá também possui em seu mundo sobrenatural um lugar semelhante ao inferno, o Ọràn-Apáàdi. (ABÍMBÓLÁ,2005, p.40)

Abímbólá aponta a analogia intrigante entre o cosmos Yorùbá e os cosmos islâmico e cristão, fundamentada na semelhança conceitual entre o Ọràn Yorùbá e o céu, assim como entre o Ayé e o mundo terreno. Essa correlação transcultural destaca não apenas similaridades superficiais, mas também implicações teológicas subjacentes que podem proporcionar uma compreensão mais profunda das interconexões entre diferentes tradições religiosas. A identificação do Ọràn-Apáàdi como um equivalente Yorùbá ao conceito cristão e islâmico de inferno adiciona complexidade ao paralelo, sugerindo uma convergência na concepção de espaços sobrenaturais negativos.

1.1.2 O panteão Yorùbá

Ainda hoje aqui, na diáspora, acredita-se que o panteão Yorùbá é somente composto pelos Ọrìṣà e tal crença se deu sob a influência de Pierre Verger e Reginaldo Prandi. Mas, graças as pesquisas desenvolvidas por antropólogos, historiadores e teólogos Yorùbá, chegamos entendimento que o panteão dos Yorùbá é muito mais extenso e complexo do que se pensa, e o presente tópico buscará elucidar essa questão.

Podemos classificar o panteão Yorùbá pelas seguintes divindades:

- a) Ẹbọra: São “espíritos da natureza primordiais para o equilíbrio do àṣe no cosmos” (FÁLỌLÁ & AKÍNYEMÍ,2006, p.8). Eles também são essenciais no preparo de ervas medicinais e demais encantamentos. Um exemplo de Ẹbọra é Irókò, o Senhor dos mistérios da rapidez. Esta divindade é representada pela árvore sagrada africana que tem o mesmo nome, Irókò. Tem por símbolos o espaço, o tempo, a terra, ọta (pedra sagrada que representa determinado Ọrìṣà), ìrùkèrè (cauda de animal que, após os

devidos encantamentos, é carregado por sacerdotes e reis como sinal de realeza e poder) e búzios.

- b) Irúnmólè: os Irúnmólè ou Imólè, especificamente situados no lado direito do cosmos Yorùbá, representam ancestrais que, em algum momento da história dos Yorùbá, viveram ou reencarnaram. Em virtude de suas notáveis conquistas, foram alçados à condição de divindades pela comunidade que compartilharam. Conforme o corpus literário de Ifá, um texto sagrado da religião Yorùbá, essas entidades se segmentam em duas categorias distintas:

Irinwó ou mólé ojùkòtún, que são os quatrocentos poderes sobrenaturais primordiais da direita; e Igba mólé ojùkòsi òwúrò, que são os duzentos poderes sobrenaturais primordiais da esquerda” (ABÍMBÓLÁ, 2005, p.37).

O lado direito abriga os Irinwó o mólé ojùkòtún, juntamente com alguns Òrìṣà, sendo um exemplo representativo Òṣun. Estas entidades são benevolentes em sua natureza, embora ocasionalmente imponham punições a seres humanos que corrompem a sociedade. Por outro lado, o lado esquerdo é composto pelos Ajogún, guerreiros divinos de índole maléfica cujo propósito é a destruição de Olódùmarè, da natureza e do ser humano. Síkírù Sálámi sustenta que os Ajogún são:

Seres míticos que estabelecem a comunicação entre os mundos visíveis, *aiyé*, e invisível, *orun*. Alimentam-se do ebó, absorvendo as energias indesejáveis associadas aos problemas, e transportam o axé dos orixás. Sua ação é de mão dupla: levam as energias deletérias próprias dos problemas e trazem o axé dos orixás. (SÁLÁMÌ, 2015, p.411)

- c) Ìyámi Òṣòròngà: Na diáspora, as Ìyámi Òṣòròngà, ou Ìyámi, conforme referidas no contexto brasileiro, são infelizmente percebidas erroneamente como entidades maléficas, bruxas e feiticeiras, sendo que sequer lhes é atribuído o devido reconhecimento nominal. No entanto, tal percepção é resultado de um desconhecimento substancial, pois nas terras Yorùbá, essas entidades detêm uma notável importância dentro de sua tradição. Dentro do panteão Yorùbá, as Ìyámi Òṣòròngà ocupam um espaço de imensa relevância, sendo consideradas a força ancestral mais antiga do mundo, possuindo todos os elementos fundamentais para a sobrevivência da humanidade. Além disso, exercem o papel de zeladoras da existência

e guardiãs do destino, tornando-se, portanto, essenciais para a continuidade da vida e da estrutura social. Sàlámì as definiu como “o poder ancestral feminino e elementos místicos da mulher em seu duplo aspecto: protetor e gênero, perigo e destrutivo” (SÀLÁMÌ, 2015, p.443)

- d) Òrìṣà: Até os dias atuais, os Òrìṣà são percebidos por alguns como manifestações de energias, forças naturais ou mesmo como entidades cuja existência histórica é contestada. Essa percepção equivocada persiste, muitas vezes alimentada por correntes religiosas esotéricas ou de origem afro-brasileira, como a Umbanda.

Os Òrìṣà, por sua vez, representam divindades que descenderam do domínio invisível (òrun) e habitaram neste mundo planetário (ayé) na condição de seres humanos ou personalidades notáveis divinizadas como deidades após o seu falecimento, em reconhecimento de suas proezas sobrenaturais, sabedoria exímia, e perseverança. Segundo Adémólá Àràoyè:

Os Òrìṣà estão intimamente associados aos vivos e frequentemente envolvidos nos assuntos humanos. Portanto, eles conectam os humanos com Deus, o Ser Supremo. Essas divindades desfrutam de uma dupla classificação, baseada em suas personalidades e modos de ação. O primeiro grupo inclui deuses calmos, serenos, gentis, temperados, simbolicamente denotados pela cor branca, e o segundo grupo é áspero, agressivo, exigente e de temperamento rápido, simbolicamente denotado pelas cores vermelho ou preto. No entanto, essa classificação não tem nada a ver com questões de bem e mal. Todas as divindades, como os seres humanos, são compostas de traços positivos e negativos. (ÀRÀOYÈ, 2016, p.84)

Ademais, cada Òrìṣà é associado a uma alimentação específica, cor e parafernália, elementos registrados por meio da tradição oral. Há uma tradição amplamente reconhecida que postula a existência de 401 divindades em Yorubalandia, embora esse número deva ser interpretado como uma metáfora sacral e não como um dado científico.

As tradições orais, por vezes, proporcionam uma impressão confusa do número exato de divindades, mencionando, por exemplo, *èrùnlójo irúnmọlẹ* (700 divindades). Além disso, relatos indicam a presença de *igba irúnmọlẹ ojùkòtún*, *igba irúnmọlẹ ojùkòsì* (200 divindades do lado direito, 200 divindades do lado esquerdo, totalizando 400

divindades) ou *òkànlénú irúnmọ̀lẹ̀* (401 divindades). Outra referência aponta para *òjìlélẹ̀gbẹ̀je irúnmọ̀lẹ̀ tí wọ̀n n lú ẹ̀dán fún* (1.440 divindades associadas às quais barras de metal são tocadas). Contudo, não há um consenso entre as tradições que designe uma divindade específica como a mais preeminente, exceto pelas assertivas presentes em suas narrativas mitológicas, indicando que aproximadamente dezesseis divindades desceram à terra. Não obstante, existem divindades geralmente aclamadas como mais significativas do que outras, e podem ser referidas como principais deidades.

De acordo com Nathaniel Akínrínlá Fádípẹ̀, “as seguintes divindades são universalmente adoradas em toda a yorubalandia em uma base anual: Èṣù, Ọ̀bàtálá, Ọ̀gún, Ọ̀rìṣà-Ọ̀kọ, Ọ̀ṣun, Ṣàngó, Ṣànpònná e Yemojá” (FÁDÍPẸ̀, 1970, p.259). A questão da ordem de senioridade entre essas principais divindades não é muito clara, e alguns estudiosos que abordaram o assunto em seus trabalhos têm visões opostas, como aponta Toyin Falola:

Bólájí Ìdòwú considera Ọ̀rìṣà Nlá como a "Divindade Suprema" de yorubalandia, enquanto Fádípẹ̀ vê Ifá como o "Ọ̀rìṣà mais universal... em yorubalandia". Báde Àjùwọ̀n apresenta Ọ̀gún como "o primeiro entre iguais" no panteão Yorùbá. No entanto, se alguém perguntar aos adoradores de cada uma das outras principais divindades qual é a mais importante de todas as divindades Yorùbá, cada um afirmará que sua própria divindade é a mais importante. (FALOLA, 2016, p.85)

Pode-se argumentar que Ifá está no centro da religião e tradição Yorùbá, e que todos os aspectos deste cânone mito-estético são organizados para explicar a natureza da vida humana e a manutenção da própria vida por meio de um sistema de adivinhação que se acredita ser capaz de oferecer respostas para todos os problemas humanos.

É de suma importância ressaltar que o termo Ọ̀rìṣà apresenta uma definição intrincada e, em certa medida, ambígua. Idowu afirma que:

Antes da criação da humanidade, esse termo era atribuído exclusivamente a uma divindade, Ọ̀bàtálá (mais conhecido no Brasil como Oxalá), por ser a primeira divindade criada ou emanada de Olódumarè. No entanto, quando o Deus Supremo Yorùbá optou por criar a humanidade, primeiro criou divindades para executar essa tarefa, as quais passaram a ser referidas como Ọ̀rìṣà. A partir desse momento, foram consideradas Ọ̀rìṣà as divindades que contribuíram para a criação do aiyé, incluindo entidades como Èṣù, Ọ̀rúnmilá, Yemojá, entre outras. (IDOWU, 1997, p.71)

Em síntese, a investigação detalhada sobre o panteão Yorùbá revela uma complexidade e diversidade muito além das percepções simplificadas prevalentes na diáspora, influenciadas significativamente por figuras como Pierre Verger e Reginaldo Prandi. O esforço conjunto de antropólogos, historiadores e teólogos Yorùbá desvendou a riqueza e a profundidade dessa tradição religiosa, que abarca não apenas os Òrìṣà, mas também entidades como os Èḃòra, Irúnmọ̀lẹ̀, e as Ìyámi Òṣòròngà, cada qual desempenhando papéis cruciais no cosmo Yorùbá. Essas divindades, com suas características e funções distintas, contribuem para o equilíbrio do àṣẹ no cosmos, a manutenção da saúde e o bem-estar dos seguidores, além de desempenharem papéis significativos na estrutura social e espiritual da comunidade.

O panteão Yorùbá, portanto, não se limita a uma lista finita de divindades, mas é um sistema intrincado que reflete a complexidade da vida, da natureza e do universo. As categorias de divindades apresentadas - Èḃòra, Irúnmọ̀lẹ̀, Ìyámi Òṣòròngà e Òrìṣà - ilustram a riqueza da mitologia Yorùbá e a importância de compreender essas entidades em um contexto cultural e religioso mais amplo. A diversidade e a complexidade do panteão Yorùbá sublinham a necessidade de abordagens mais profundas e contextualizadas no estudo das religiões africanas e de sua diáspora. Assim, o reconhecimento dessa complexidade não apenas enriquece nossa compreensão da religiosidade Yorùbá, mas também desafia as simplificações e as visões estereotipadas frequentemente associadas a essas tradições.

1.1.3 A religião tradicional Yorùbá

A religião tradicional Yorùbá, enraizada na rica ecologia religiosa da etnia Yorùbá, revela-se como um complexo sistema de conceitos religiosos e práticas espirituais. Este estudo explora a intrincada teia de comunicação extramundana e os princípios fundamentais que moldam a compreensão Yorùbá do divino.

A comunicação extramundana na religião Yorùbá é um fenômeno multifacetado, abrangendo desde ensinamentos simples até rituais elaborados, incluindo celebrações, encantamentos, orações rituais, sacrifícios e muito mais. A complexidade dessa comunicação está na interação com seres sobrenaturais - ancestrais, espíritos e

divindades. Para os iniciados, a participação muitas vezes requer rituais específicos, solidificando a ligação entre o mundo natural e o sobrenatural.

A associação da religião Yorùbá ao reino sagrado dos deuses destaca sua importância na continuação da vida. A renovação da fé ocorre mediante um contato periódico e bem determinado com divindades, manifestando-se em diversas formas como amuletos, canções, encantamentos e rituais temporários. Essa comunicação multidimensional é manifesta em eventos culturais significativos, como festivais, casamentos e cerimônias de nomeação.

Um exemplo emblemático é o Festival Egúngún, celebrado anualmente em julho. Este evento de sete dias não apenas proporciona entretenimento, mas também incorpora a crença na reencarnação, conectando-se com as almas ancestralmente partidas. A complexidade ritualística, desde as orações no bosque sagrado até as competições entre mascarados, ilustra vividamente a intrincada comunicação extramundana dos Yorùbá.

No âmbito conceitual, a religião Yorùbá gira em torno da unicidade com o potencial da Essência Criativa. O entendimento desses conceitos é crucial para a busca mística, que visa uma comunhão progressiva entre o corpo físico e o ser espiritual. O misticismo, muitas vezes confundido com ocultismo, é desmistificado na fé Yorùbá, enfatizando uma jornada divina para o eu interior e a Consciência de Deus.

A interpretação equivocada dos conceitos fundamentais Yorùbá no Novo Mundo obscureceu o misticismo central, levando a uma representação distorcida. Contrariamente à crença popular, as ordens sacerdotais Yorùbá não buscam poderes ocultos, mas a essência divina através dos Òrìṣà, Odu-Ifa e elementos como o orí. Este desdobramento conceitual é essencial para os buscadores e aspirantes, reiterando que a religião Yorùbá não é culto nem ocultismo, mas uma jornada sagrada para a existência e a compreensão divina.

A visão do indígena Yorùbá sobre a existência de um ser autoexistente, responsável pela criação e manutenção do universo, destaca a teosofia presente nos sagrados escritos Odu-Ifa. A resistência à categorização da religião Yorùbá como pagã, vista em muitas religiões proclamadas, baseia-se na compreensão profunda das manifestações abstratas, seres sobrenaturais e forças transcendentais presentes em todas as culturas.

A necessidade de compreender e aceitar as influências angelicais nos Orixás é crucial para ascender à Consciência de Deus na fé Yorùbá. A resistência a interpretações distorcidas, como a equiparação de Èṣù-Elegba a Satã, é vital para manter a integridade

do sistema religioso. O reconhecimento da existência de forças negativas, como *ajogún*, contrasta com a ausência de Satã ou Diabo no entendimento Yorùbá.

Concluindo, a compreensão dos conceitos fundamentais e a comunicação extramundana na religião tradicional Yorùbá revelam-se essenciais para desvendar a riqueza espiritual e cultural dessa tradição. Em um mundo onde mal-entendidos persistem, é imperativo reconhecer a singularidade da jornada Yorùbá em busca da unicidade com a Essência Criativa e da compreensão profunda da existência.

1.1.4 A tríade Ọbàtálá, Odùduwà, Olódùmarè

No âmbito do mito primordial da cosmogonia yorubana, emergem três entidades divinas ineludíveis, a saber: Ọbàtálá, Odùduwà e Olódùmarè. Esta tríade divina constitui-se como alicerces paradigmáticos na tessitura da narrativa cósmica, encarnando, por sua vez, facetas multifacetadas do sagrado e delineando intrincadas relações entre o divino e o mundo fenomênico. A presente análise empreenderá uma incursão exegética detida, delineando de maneira minuciosa as singularidades teológicas que permeiam cada uma destas entidades transcendentais.

Segundo Olayinka Babatunde Ogunsina Adewuyi Ọbàtálá é:

O nome da maior e mais antiga deidade criada/emanada de Olódùmarè. O nome dessa divindade deriva de cinco palavras silábicas: *ọba tí ó ní alá*, que mais tarde foi abreviada para: *ọba-t- alá*, que numa tradução literal significa: *ọba*: O rei, Senhor, Majestade, *tí ó ní*: Que possui, *álá*: *brancura*. (ADEWUYI, 2015, p.13)

Ele possui uma posição única e incontestável como o mais importante *Òrìṣà* e o mais elevado dos Deuses Yorùbá, recebeu o nome de *Ọbà-Igbò* ou *Òrìṣà-Ìgbò*, pois foi rei dessa civilização. Foi incumbido por *Olódùmarè* de criar o mundo com o poder de sugerir (*àbà*), e o de realizar (*Àṣẹ*), motivo pelo qual é saudado com o título de *Aláàbáláṣẹ*. Juana Elbein dos Santos o classifica como:

Elemento fundamental do início da criação, da matéria original de água e massa de ar que deram origem a novas formas de existência, tanto no *aiyé* como no

orun, sendo ambos controlados por ele. O alá, o grande pano branco, é o seu emblema, onde ele abriga a vida e morte (SANTOS, 1993, p.75)

Ọbàtálá, possivelmente situado no período entre os anos 1000 e 1100 d.C. (OGUNDIRAN, 2020, p. 55), é associado à cidade de Ifè Òóyelagbò, a segunda Ilé-Ifè, posteriormente ascendendo ao cargo de rei das comunidades indígenas do sudoeste da Nigéria. Embora a precisão histórica não seja totalmente estabelecida, há indicações de que por volta do final do século X, a cidade de Òóyelagbò foi alvo de um ataque por parte de estrangeiros provenientes do "oriente", comandados por Odùduwà. Segundo Stephen Adebajji Akintoye:

Esta incursão, visando usurpar o poder dos nativos de Òóyelagbò, desencadeou um violento conflito entre os estrangeiros, liderados por Odùduwà, e os habitantes locais, liderados por Ọbàtálá. (AKINTOYE, 2010, p.79)

Odùduwà e sua facção prevaleceram na contenda. Embora a imagem e as realizações de Odùduwà tenham eclipsado e reduzido o papel de Ọbàtálá na narrativa histórica, este último manteve sua relevância como divindade, assumindo um lugar distinto no panteão Yorùbá, sendo símbolo de paz e estabilidade.

A respeito de *Odùduwà*, Stephen Adebajji Akintoye fará a seguinte afirmativa:

Ao contrário da concepção predominante no Novo Mundo, *Odùduwà* não se configura como uma divindade feminina, tampouco figura como um ser puramente mítico. Durante muito tempo, influenciados notadamente pelo Reverendo Samuel Johnson, mesmo no âmbito acadêmico, acreditou-se que Odùduwà teria nascido na Arábia, no Oriente Médio, migrando posteriormente para a região Yorùbá, mais precisamente Òóyelagbò. Contudo, com base em fontes orais recentes, consolida-se o entendimento de que sua origem remonta à região da yorubalandia, por volta do século X. (AKINTOYE, 2021, 75-80).

A afirmativa de Akintoye desafia a concepção predominante no contexto do Novo Mundo, ao questionar a atribuição de Odùduwà como uma divindade de natureza feminina ou um ser eminentemente mítico. Em contraste com a perspectiva historicamente difundida, que foi influenciada, notadamente, pelas interpretações do Reverendo Samuel Johnson, a qual postulava a origem de Odùduwà na Arábia, essa

análise questiona e rejeita tal narrativa. Em vez disso, respaldada por fontes orais contemporâneas, a assertiva consolida a compreensão de que a verdadeira origem de Odùduwà remonta à região da Yorubalandia, situada no continente africano, em um período aproximado do século X. Essa revisão crítica abre espaço para uma reinterpretação mais precisa e contextualizada da figura de Odùduwà, desafiando interpretações previamente aceitas e destacando a relevância das tradições orais recentes como fontes fundamentais na construção do conhecimento histórico Yorùbá.

Como é de conhecimento, ao final do século X d.C., Odùduwà liderou uma revolta contra Obàtálá, culminando em uma batalha na qual saiu vitorioso. A partir desse ponto, ele consolidou sua influência e legitimou seu poder político, competindo com as notáveis comunidades vizinhas. Seu êxito militar ampliou sua hegemonia política, resultando em conquistas duradouras, não apenas na instauração de um governo monárquico sólido, mas também na fundação de uma dinastia com um processo sucessório sustentável.

Devido às suas significativas contribuições para o desenvolvimento do povo Yorùbá, Odùduwà foi elevado à condição de ancestral divinizado. É relevante destacar que essa divinização não o categoriza como Òrìṣà. Atualmente, é reverenciado como um herói cultural, uma figura central e uma força de unidade cultural e política, cujo nome subsiste proeminente na história Yorùbá.

No panteão, está também o eminente Olodumaré. No esforço de apreender a essência de Olódùmarè, deparamo-nos de imediato com uma complexidade que se evidencia na própria natureza de seu nome. Ao contrário das divindades do panteão Yorùbá, cujas identidades são intrinsecamente ligadas aos seus nomes (como exemplificado no caso de Obàtálá), o entendimento completo de Olódùmarè escapa-nos. Nesse contexto, é primordial que empreendamos uma análise abrangente e sequencial: primeiramente, abordaremos a questão de seu nome, seguido pela exploração de seus atributos, culminando na investigação de sua identidade intrínseca.

O nome Olódùmarè se apresenta como um termo que carece de auto explicação direta. Tal complexidade etimológica relacionada à segunda parte do nome tem suscitado debates, especulações e tentativas de elucidação ao longo do tempo. Embora a etimologia integral do nome permaneça na maioria enigmática, é inegável que seu significado, se não completamente baseado em aspectos etimológicos, ao menos ostenta uma carga teológica significativa, moldada por conotações e simbolismo que transcende o âmbito puramente linguístico. Neste contexto, a compreensão do significado de Olódùmarè, tanto em termos etimológicos quanto em sua dimensão teológica, constitui um tema relevante

para a investigação acadêmica, suscitando uma apreciação mais profunda das complexidades envolvidas no contexto cultural e religioso do panteão Yorùbá.

Segundo Emmanuel Bòlájì Ìdòwú:

O nome é formado por duas palavras, com um prefixo; ÒLODÙMARÈ. O prefixo Ol resulta da elisão da vogal "i" de Oní que significa "dono de", "aquele que está envolvido". Oní, em uma ou outra de suas formas modificadas, é um prefixo frequentemente usado em Yorùbá para denotar pertencer ou alguém que se dedica ao comércio ou outra profissão" (IDOWU, 1962, p.36)

Na busca por uma análise aprofundada dos componentes que compõem o nome Olódùmarè, deparamo-nos com a palavra-chave "Odù", constituída por três letras e cujo significado é sensível à acentuação aplicada às suas vogais. Esta palavra pode assumir diferentes acepções, dependendo da tonalidade a ela atribuída. Quando apresentada como "Odù", remete ao conceito de "título principal de um capítulo", conforme evidenciado nos escritos de Ifá, ou denota a qualidade de "chefe principal" ou simplesmente "chefe", como atestado no título Odùgbède, cuja tradução se alinha com "O chefe dos ferreiros". Adicionalmente, "Odù" pode ainda sugerir "cetro" ou "autoridade". Por outro lado, quando expressa na forma "Òdù", adquire um caráter substancial de "(recipiente) muito longo, mas não profundo" ou "a célula completa na mesa de ayò". Esta analogia descreve um indivíduo como "Òdù rè Kún", implicando que "Ele tem bênçãos em abundância" e que a "sorte sorri para ele".

Nesse contexto, "Òdù" configura-se como adjetivo, denotando algo que é "muito longo", "muito extenso", "muito cheio" ou caracterizado por "qualidade e dignidade superlativas". Uma ilustração disso seria "Òdù Òyà", que significa "uma tosquiadeira muito grande", "Òdù ayò", que se traduz como "a cela completa na mesa de ayò", ou "Òdù aso", que sugere "roupas de qualidade e dignidade superlativas". Em todos esses casos, "Òdù" implica a ideia de superlatividade em termos de grandeza, tamanho, qualidade e dignidade.

Um aspecto relevante a destacar é que os acentos nas vogais não permitem distinguir se o componente do nome completo da divindade é "Odù" ou "Òdù", uma vez que ambos são tradicionalmente pronunciados da mesma forma. Logo, a pronúncia original de Olódùmarè não é afetada pelos acentos nas vogais, podendo ser interpretada de ambas as maneiras.

Quando associamos "Odù" a qualquer um dos prefixos possíveis, resulta em "Olódù", que sugere a ideia de alguém que ocupa a posição de líder supremo, detentor de cetro ou autoridade, ou que "contém" a totalidade dos atributos exaltados, representando, assim, a superlatividade em termos de grandeza, tamanho, qualidade e dignidade.

No entanto, a parte "marè" do nome Olódùmarè apresenta complexidades etimológicas que demandam análises aprofundadas. Nesse sentido, este estudo se propõe a examinar algumas das tentativas de explicação existentes, com o intuito de contribuir para uma conclusão definitiva

Para Idowu “a palavra é uma contração da frase-nome Olòdu-om-erè-'Olódù, descendente da jiboia” (IDOWU, 1962, p.38). Esta sugestão fundamenta-se em um mito derivado do fenômeno natural do arco-íris. Na crença Yorùbá, é comumente afirmado que o arco-íris é gerado a partir de uma jiboia de dimensões excepcionais, a qual expele uma substância sulfúrica responsável por seu brilho característico e a formação do arco-íris (Òṣùmàrè) nos céus. Essa substância é denominada Imì Òṣùmàrè, ou "excremento do arco-íris," e é atribuída com a capacidade de conferir prosperidade e riqueza àqueles que a detêm.

Em segundo lugar, a terminação "-marè" pode igualmente ser interpretada como uma combinação de duas palavras, "Má ré," configurando o imperativo negativo, cuja tradução é "Não vá" ou "Não prossiga." De maneira alternativa, o termo pode assumir um caráter adjetivo, indicando algo que permanece inerte, imóvel e constante.

Considerando ambas as acepções, a associação presente em Olódùmarè aponta para a ideia de uma Divindade que, além de ostentar atributos superlativos, é marcada pela estabilidade, invariabilidade e permanência.

Uma terceira interpretação repousa na análise da palavra como Òl-ódù-marè, cuja grafia completa é Ol-ódù-mo-Arè, sugerindo uma união de "Odù" com "Arè." O símbolo de excelência representado por Olódù-cum-Arè compunha a coroa original usada por cada Ooni (rei) subsequente de Ilé-Ifè, destacando sua ligação espiritual com o povo Yorùbá. Nenhum outro monarca Yorùbá utilizava uma coroa semelhante, simbolizando seu mandato supremo. Em tal contexto, Olódùmarè pode ser compreendido como a Divindade que detém o cetro e a coroa que ninguém mais tem permissão de portar, denotando sua soberania incontestável sobretudo no céu e na terra.

Uma quarta interpretação sugere que o nome original poderia ter sido Ol-ódù-kàrì, em que "Kàrì" frequentemente se refere a uma célula preenchida de maneira plena em um tabuleiro de jogo ayò. Consequentemente, Odù-kì seria uma designação para a célula que

se encontra inteiramente ocupada, e a adição de quaisquer elementos posteriores resultaria na deterioração da perfeição. Olódù-kàrì, quando atribuído à Divindade, denota o Ser que se revela absolutamente imaculado em termos de atributos superlativos.

Como anteriormente observado, a compreensão integral de Olódùmarè transcende a análise exclusiva de seu nome, uma vez que atributos e qualidades adicionais conferem profundidade a essa percepção. Os Yorùbá não são propensos a abordagens excessivamente abstratas, concebendo a figura de Olódùmarè como alguém digno de veneração e reverência, cuja antiguidade e magnificência inspiram temor e respeito. As características que O definem, segundo a perspectiva Yorùbá, incluem a capacidade de falar, comandar, agir, julgar e exercer controle sobre todos os aspectos da vida. O exame de seus sete atributos fornece uma visão mais completa de sua natureza.

Olódùmarè é reverenciado como o Criador, conforme a teogonia e cosmogonia Yorùbá. Segundo essas crenças, todas as divindades foram trazidas à vida por Olódùmarè, que comissionou o trabalho de criar a terra. Ele é a Origem e o Doador da vida, sendo conhecido como Elédàá, que significa "O Criador" ou "O Fazedor." É Ele quem fez a chuva, fornecendo água para a terra e a todos os seres vivos. Inicialmente, apenas o suco das árvores era usado saio para beber, mas Òrìsà-nlá apelou a Olódùmarè, que enviou a chuva. Os Yorùbá reconhecem que o tempo e as estações têm origem Nele, e Ele é o Autor do dia e da noite, chamado de Olójó-òní, ou "O Dono do dia.

Para os Yorùbá, Olódùmarè é visto como um Rei supremo, cuja majestade é única e incomparável. Ele reside nos céus e é chamado de Oba-Òrun, que significa "O Rei que mora nos céus." Sua majestade é tão grandiosa que equilibra os céus, e Ele é descrito como sentado em um trono, cuja grandeza e extensão são incomparáveis. Ele é também referido como Ògá-ògo, ou "O Mestre em Fulgor," e o Canopus permanente do céu pertence a Ele, manifestando-se ao mundo. Como Grande Rei, Ele possui total prerrogativa e domínio sobre tudo, e sua vontade é absoluta. Segundo Idowu ele é também "Oba ti dandan rè kì í sélé," que significa "O Rei que, por mandato divino, nunca volta de mãos vazias," Aláàbálààse, ou "O Sugestivo que empunha o Cetro, Rei dos Atributos superlativos (IDOWU, 1994, p.44).

Ele é Onipotente, e os Yorùbá acreditam que sua supremacia se estende tanto nos céus quanto na terra. Ele é capaz de realizar todas as coisas, tornando as pessoas capazes de realizar suas tarefas. Qualquer possibilidade está sujeita à Sua ordenação, e somente aquilo que ele permite ou assiste pode ser alcançado. Isso se reflete no ditado: "A-dùn-ún se bí ohun ti Òlódùmarè şe; aṣṣòróó-şe bí ohun ti Òlòrùn kò lówó sí," o que significa "É

fácil fazer quando Òlódùmarè o executa; difícil de fazer quando Òlòrùn se recusa." Ele é o único que pode falar e fazer com que suas palavras se cumpram sem qualquer possibilidade de falha, sendo descrito como Alè wílèse, ou "Aquele que é o único que pode falar e fazer com que suas palavras se tornem realidade”.

Olódùmarè é reconhecido como "Oba A-şè-kan-má kù," o que significa "O Rei de Quem Suas obras são feitas com perfeição." Somente Ele tem a capacidade de concluir suas obras com perfeição. Ele é o arquiteto do movimento do universo e detém o poder de movê-lo, parcial ou completamente, bem como de reiniciá-lo quando necessário. Um exemplo notável disso ocorreu quando as divindades questionaram sua suprema autoridade, uma demonstração de sua capacidade de controle absoluto

Ele é também considerado onisciente. Nada pode ser oculto dele, uma vez que ele vê e conhece todas as coisas. Os Yorùbá se referem a toda a extensão do céu como "Ojú-Òlòrùn," que significa "O rosto (incluindo os olhos) de Òlòrùn." Quando ocorrem relâmpagos, dizem que "Òlòrùn está piscando." Ele é chamado de Arínú-róde, ou "Aquele que vê dentro e fora (do homem)," o discernidor de corações.

Na concepção Yorùbá sobre "O Fim das Coisas," Òlódùmarè é aquele que decide o destino de tudo. Ele é o juiz supremo, controlando o destino de cada indivíduo, de acordo com suas ações. Embora as divindades possam punir os seres humanos por violações de tabus ou ofensas, é Òlódùmarè quem realiza o julgamento final.

Ele é imortal, a imortalidade é um atributo que permanece proeminente dentro do conceito Yorùbá de deidade. Isso é enfatizado de todas as maneiras possíveis. Em certo sentido, isso é reconfortante e encorajador para a alma que louva. É necessário saber que a divindade estará viva para sempre, que não mudará mesmo em meio a todas as mudanças e decadência que tem sido a experiência constante do homem, se a religião e a vida fossem finitas. Apesar de tudo Òlódùmarè parecer distante em consequência de seus muitos agentes que preenchem um grande espaço entre ele e o homem, é certo que o Yorùbá não poderia pensar em nada se ele deixasse de existir. Ainda discorrendo sobre a imortalidade de Òlódùmarè, nos deparamos com a seguinte máxima defendida por Idowu:

Olódùmarè é chamado de Òyígpiyigì, Ota Àìkú – A Poderosa Rocha Imóvel que nunca morre. Esse apelo nos faz ter um forte conceito tríplice de ideias de sua grandeza superlativa, sua constância e sua vida eterna. A figura usada é a de uma longa e extensa montanha de rocha muito dura que não pode ser medida por nenhum meio concebível. E,

claro, mover aquela montanha está fora de questão; o que ela representa, estará lá para sempre. (IDOWU, 1994, p.47)

Olódùmarè é santo. Ele é transcendente; tão transcendente que o fato de sua imanência recebeu pouca ênfase, exceto, é claro, no entendimento implícito de que ele está presente o tempo todo, no controle de todo o curso da natureza e disponível para o homem em todos os lugares e em todos os lugares invocado. Mas a ideia clara de "Santidade" é “o sentido de um 'numinus' ativo, mutável e consumidor é o que está faltando na concepção Yorùbá da própria Deidade” (IDOWU, 1994, p.52). Isso foi transferido para algumas divindades, particularmente Jàkúta, a divindade do trovão, e Sònpònná, a divindade da varíola. Essas duas divindades se destacam entre as demais como agentes da "Ira".

No pensamento do próprio Olódùmarè, os Yorùbá enfatizam sua benevolência, a 'bondade' ao invés da 'severidade' de seu caráter. Aqui devemos ir mais fundo. O que pudemos reunir de nossas fontes sobre a santidade de Òlódùmarè é apenas por inferência. A ideia de santidade no sentido de “separação” já está implícita na desigualdade de suas características essenciais. Não há dúvida aqui de que os Yorùbá pensam nele como ritual e eticamente sagrado. Eles nunca pensaram nele além de completamente limpo e puro. Ele nunca foi mencionado como alguém que esteve envolvido em algo imoral. Por isso é conhecido como Oba Mímó – “O Rei Puro”, Oba ti kò lére – “O Rei sem nenhuma imperfeição”; Alálà-funfun òkè – “Aquele vestido de branco, que mora no céu”, Àlà-ti-kò-lónà, Ikinnifin – “Brancura sem comparação (absolutamente branco), objeto essencialmente branco”.

No âmbito da presente seção, uma abordagem sistemática foi empregada na tentativa de compreender a figura de Òlódùmarè. No entanto, é essencial reconhecer que qualquer empreendimento humano destinado a o descrever em sua totalidade seria tanto fútil quanto impossível. Portanto, uma definição simplificada e objetiva pode ser apresentada: Òlódùmarè é conceituado como o soberano supremo de toda a existência. Ele é a fonte do sopro vital, sem o qual nada poderia existir. Portanto, Òlódùmarè representa o ponto de partida da existência humana, e é n'Ele que se encontra o significado fundamental de nossa própria existência.

1.2 A Criação na perspectiva bíblica do Gênesis

A História Primordial da Bíblia Hebraica, conforme registrada no livro de Gênesis, configura-se como uma narrativa seminal que exerceu uma profunda influência na compreensão cultural, religiosa e cosmológica do mundo. Ao longo dos séculos, suas histórias de Adão e Eva, Caim e Abel, a Arca de Noé e a Torre de Babel continuaram a moldar a visão de mundo de diversas sociedades. Embora a ciência moderna tenha, na maioria, substituído essas narrativas como explicação para a origem do cosmos e do desenvolvimento da vida, a História Primordial permanece uma poderosa expressão de crença fundamental.

Conforme enfatizado por Claus Westermann, "os relatos bíblicos da criação foram transmitidos ininterruptamente desde os séculos X a IX a.C., e sua relevância persiste em diferentes contextos culturais e religiosos" (WESTERMANN, 1987, p.12). Embora o debate sobre a origem do mundo tenha migrado para o domínio científico, a tradição iniciada no Antigo Testamento continua a ecoar. A História Primordial, compreendida corretamente, não é apenas uma explicação do mundo, mas uma tentativa de interpretar a experiência humana. Através da linguagem do mito dos primórdios, ela proclama que a essência de tudo que é presente e futuro foi criada no Princípio. Esta ideia, comum em culturas antigas, reflete a compreensão da época e exprime a crença de que "tudo isto não aconteceu num determinado momento, mas sempre é assim."

Ao examinar as narrativas de criação em Gênesis, mais precisamente em Gn 1,1-2,4a e Gn 2,4b-25, deparamo-nos com uma cosmogonia rica e intrincada. Isso se deve ao fato de que a perícopes Gn 1,1-2,4a foi redigida pela tradição sacerdotal⁴, enquanto a perícopes de Gn 2,4b-25 foi redigida pelo javista⁵, conforme destaca Teodorico Ballarini:

A História das Origens possui duas composições distintas em termos de estilo e natureza. A primeira, atribuída à tradição sacerdotal, relata, em linguagem solene, a criação do mundo e do homem ao longo de uma semana (1,1-2,4a); a segunda, atribuída à tradição javista, foca-se mais

⁴ O livro do Deuteronômio, em sua mensagem e estilo característicos, parecia ser um documento independente, 'D'. E entre as seções do Pentateuco, que não podem ser atribuídas a J, E ou D, existia grande número de passagens tratando sobre assuntos rituais. Com o tempo, essas passagens foram consideradas parte de um longo tratado, chamado 'P', ou a fonte sacerdotal (priestly, em inglês), que mostra especial interesse na pureza, no culto e nas leis do sacrifício. (FINKELSTEIN, 2001, p.26)

⁵ O "Javista" (J) é uma das fontes que se destaca por utilizar o nome divino Yahweh (ou Jeová) para se referir a Deus em suas narrativas. (FRIEDMAN, 1989, p.52)

especificamente no homem e na mulher (2,4b-25) (BALLARINI, 1975, p.98).

Concomitantemente, Gerhard von Rad fara a seguinte máxima sobre ambas perícopes:

Quem expõe Gênesis, capítulo 1, deve entender uma coisa: este capítulo é doutrina Sacerdotal — de fato, contém a essência do conhecimento Sacerdotal de forma mais concentrada. Não foi "escrito" uma vez; mas, sim, é doutrina que foi cuidadosamente enriquecida ao longo dos séculos por um crescimento muito lento. Nada está aqui por acaso; tudo deve ser considerado cuidadosa, deliberadamente e com precisão. É falso, portanto, considerar aqui mesmo ocasionalmente rudimentos arcaicos e semi-mitológicos, que se considera veneráveis, com certeza, mas teológica e conceitualmente menos vinculativos. O que é dito aqui pretende ser inteira e exatamente como está. Não há traço do elemento hínico na linguagem, nem é dito nada que precise ser entendido simbolicamente ou cujo significado mais profundo tenha que ser decifrado. A exposição deve libertar meticulosamente esta doutrina compacta e um tanto esotérica frase por frase, de fato, palavra por palavra. Estas frases não podem ser facilmente superinterpretadas teologicamente! De fato, para nós, o perigo parece maior de que o expositor fique aquém de descobrir o conteúdo doutrinário concentrado. O leitor de hoje, preocupado com o problema da fé e do conhecimento, deve ter cuidado para não ler tais tensões no texto. Sem dúvida, encontra-se aqui muito do conhecimento sobre a origem do mundo que havia sido elaborado e ensinado na época, e como conhecimento é na maioria obsoleto hoje. Mas este conhecimento não é discutido aqui por si só; está lá, antes, como uma ajuda para fazer declarações detalhadas sobre a criação de Deus. A fé e a imagem científica do mundo estão tão intimamente integradas aqui que o próprio material do conhecimento do mundo possibilita falar de Deus! Então, o que é dito aqui não é de interesse apenas para paleontólogos. Quando Israel falava da criação e ordenação do cosmos, ela estava discutindo assuntos que eram tópicos para o homem vivendo aqui e agora.

O texto dos capítulos 2 f. apresenta uma narrativa javista. Não é doutrina (pelo menos não no sentido direto), mas sim conta uma história, parte de um caminho percorrido que não pode ser atravessado novamente. Deve-se ter em mente que aqui se pretende dar um relatório factual sobre fatos que todos conhecem e cuja realidade ninguém pode questionar. Eles concernem ao campo no qual se desenrola a história do homem com Deus; e os meios de apresentação, que servem para tornar o processo mais tangível, são correspondentemente diferentes daqueles aplicados pelo historiador. Lemos uma narrativa que procede em meio às imagens mais simples e claras; mas isso, claro, não significa que não pretenda relatar a realidade ao longo de todo o caminho. A história certamente também contém um elemento didático, mas muito menos diretamente do que o capítulo 1; ele está escondido nos fatos que são colocados diante do leitor. (RAD,1973, p.48-49)

O comentário sobre as narrativas de criação em Gênesis, conforme apresentado por Teodorico Ballarini e Gerhard von Rad, destaca a riqueza e complexidade das cosmogonias bíblicas, evidenciando a coexistência de múltiplas tradições e abordagens na compreensão da origem do mundo e da humanidade. A distinção entre as perícopes Gn 1,1-2,4a e Gn 2,4b-25 ilumina a diversidade estilística e temática dentro do próprio livro de Gênesis.

A primeira perícope, atribuída à tradição sacerdotal, apresenta uma criação ordenada e sequencial do mundo e do homem ao longo de uma semana, caracterizada por uma linguagem solene e um enfoque cosmogônico. Esta narrativa enfatiza a soberania de Deus sobre a criação, demonstrando um interesse particular pela ordenação, pela santidade e pela função litúrgica do tempo. Por outro lado, a segunda perícope, atribuída à tradição javista, concentra-se na criação do homem e da mulher, oferecendo uma visão mais antropocêntrica e intimista da relação entre Deus, o homem e a mulher. Esta narrativa revela Deus de uma maneira mais imanente e pessoal, interessada nos aspectos mais terrenos e cotidianos da existência humana.

Gerhard von Rad argumenta que a doutrina sacerdotal em Gênesis capítulo 1 não deve ser vista como uma mera compilação de conhecimentos antigos sobre a origem do mundo, mas como uma exposição teológica profunda que integra fé e conhecimento de maneira inseparável. Ele alerta contra a leitura de tensões modernas entre fé e ciência no

texto, sugerindo que as narrativas bíblicas oferecem uma visão de mundo onde o conhecimento sobre Deus e a criação são complementares. A abordagem de von Rad ao capítulo 2 como uma narrativa javista destaca seu caráter histórico e didático menos direto. Ele sugere que essa narrativa oferece percepções valiosas sobre a condição humana e a relação do homem com Deus de uma maneira que transcende a mera factualidade, convidando o leitor a uma reflexão mais profunda sobre os temas apresentados.

Em suma, a análise dessas narrativas de criação em Gênesis revela não apenas a diversidade de tradições e perspectivas dentro do texto bíblico, mas também a profundidade teológica e existencial que essas histórias oferecem. Elas convidam os leitores a uma contemplação mais rica e nuanciada da origem do universo, da humanidade e da relação intrínseca entre Deus e sua criação.

Vale também ressaltar que tais abordagens transcendem a mera enumeração de eventos, incorporando um tecido cultural vívido. Neste contexto, as divindades fundamentais - Dabar, Elohim e Ruah - desempenham papéis cruciais. Dabar, a poderosa Palavra de Deus, não apenas molda a existência física, mas também delineia os caminhos da fé e da ação divina. Elohim, figura central da religião bíblica, transcende a mera criação material, abraçando a essência da devoção e da unidade divina. Ruah, o sopro divino, personifica a energia vital que infunde vida e propósito na humanidade e no cosmos.

Esta seção propõe-se a explorar não apenas os eventos da criação, mas a imersão no contexto cultural, religioso e cosmológico que envolve esse relato, bem como apresentar os atributos da tríade bíblica, a fim de oferecer uma compreensão aprofundada da narrativa da criação em Gênesis.

1.2.1 Cultura, religião e cosmogonia no Gênesis

A investigação cultural e religiosa do livro de Gênesis revela uma dinâmica interação com as tradições do Antigo Oriente Próximo, evidenciando-se na assimilação e adaptação de temas cosmogônicos comuns, como o caos primordial e a ordem estabelecida por uma divindade. Eliade destaca que, “apesar de semelhanças superficiais com mitos de criação, como o Enuma Elish babilônico, Gênesis reinterpreta esses elementos num monoteísmo estrito, promovendo a visão de um Deus soberano e transcendente, identificado como Elohim” (ELIADE, 1974, p.97). Essa reinterpretação

não apenas reflete as crenças religiosas emergentes de Israel, mas também serve como um meio de definir sua identidade distintiva em relação às culturas circundantes.

A cosmogonia presente em Gênesis, especialmente nos capítulos 1 e 2, proporciona uma perspectiva singular sobre a origem do mundo, distinguindo-se de outras tradições do Antigo Oriente Próximo por enfatizar a ordem e o propósito divinos.

. Essa diferença fundamental não apenas reflete uma distinção teológica, mas também uma visão de mundo que valoriza a harmonia e a intencionalidade, como destacado por John H. Walton (2011).

A análise da cultura, religião e cosmogonia no livro de Gênesis revela uma obra profundamente enraizada em seu contexto temporal e geográfico, destacando-se, no entanto, pela singularidade de sua mensagem e perspectiva. A comparação de Gênesis com textos contemporâneos do Antigo Oriente Próximo evidencia que, apesar de compartilhar alguns elementos comuns, o Gênesis se destaca pela ênfase na unidade divina, ordem e propósito na criação. Esse estudo enfatiza a importância de considerar o contexto cultural e religioso do Antigo Oriente Próximo para uma compreensão abrangente das narrativas bíblicas e sublinha o papel único de Gênesis na formulação da cosmogonia judaico-cristã.

1.2.2 A tríade Elohim, Dabar, Ruah

Dentro do Livro de Gênesis, surge uma tríade divina fundamental: Elohim, Dabar e Ruah. Essas três entidades divinas são pilares fundamentais na narrativa da criação, simbolizando aspectos diversos do divino e sua relação com o mundo. A seguir, nos debruçaremos em compreender cada uma dessas entidades divinas, bem como suas características teológicas.

a) Elohim

O texto da criação encontrado no Gênesis foi escrito antes da reforma de Josias, durante o exílio na Babilônia. Portanto, sua concepção de mundo refletia influências de várias tradições, incluindo a babilônica, suméria e outras. Esse contexto nos leva a concluir que naquela época os judaítas não eram estritamente monoteístas, mas seguiam

uma forma de monolatria, em que, dentre as divindades reconhecidas, apenas uma, Elohim, era objeto de devoção exclusiva.

Essa perspectiva histórica lançada sobre o texto do Gênesis oferece um contexto fundamental para entender as nuances do monoteísmo no período. A influência das tradições mesopotâmicas, em particular as da Babilônia, é uma peça crucial na formação da teologia hebraica. Ela se manifesta na narrativa da criação e em outros elementos da tradição religiosa judaica.

O termo "monolatria" denota a adoração de uma única divindade, enquanto reconhecendo a existência de outras. Nesse sentido, Elohim emergiu como a divindade central da religião judaica, embora houvesse consciência da existência de outras divindades. Esse aspecto destaca a complexidade das crenças religiosas no mundo antigo e como evoluíram ao longo do tempo.

É relevante mencionar que as reformas religiosas, como a de Josias, desempenharam um papel fundamental na transição da monolatria para o monoteísmo estrito, com o Deus Javé se tornando a divindade única e suprema adorada pelos judeus.

Segundo as análises de Thomas Romer, ao explorar a origem de um dos nomes divinos, Javé, é possível fazer a seguinte abordagem sobre Elohim:

Nas narrativas sacerdotais das origens do mundo e da humanidade, assim como do Dilúvio, Yhwh se revela a toda a humanidade como “, elohim”. Essa palavra pode ser traduzida por “ (um) deus”, “deuses”, até mesmo por “Deus”. É provavelmente o meio sacerdotal, o primeiro a utilizar o termo *'elohim* no sentido de “Deus (único) ”, como se pode ver muito bem na narrativa da criação, no primeiro capítulo do livro do Gênesis. Esse nome é., ao mesmo tempo, um singular e um plural. De certa maneira, todos os deuses podem ser manifestações do único deus. Para o meio sacerdotal, isso significa que todos os povos, rendendo culto a um deus criador, veneram, sem saber, o deus que se manifestará, mais tarde, a Israel sob o nome de Yhwh. (ROMER, 2016, p. 219)

Portanto, a centralidade de Elohim é fundamental na compreensão da narrativa do Gênesis, pois é Ele quem dá início à história humana na perspectiva bíblica. Elohim desempenha o papel de uma figura cosmogônica, representando a voz ativa que origina as árvores, plantas, animais, seres humanos e outros elementos do mundo. Notavelmente, a narrativa enfatiza a importância da palavra divina, com a frase "Elohim disse"

aparecendo oito vezes, a cada palavra proferida por Deus, criando um novo elemento, como a luz, os continentes, as plantas, as ervas, os animais e, por fim, o ser humano (Gn 1.3-24).

Além disso, a narrativa demonstra o cuidado meticuloso de Deus na criação, refletindo sua bondade intrínseca. O autor do relato descreve Deus como um oleiro que molda o barro para criar uma obra de arte, e, de maneira análoga, Deus modela sua obra-prima, o ser humano, com delicadeza e amor. Nesse processo, Deus infunde no ser humano sua beleza, essência e espírito.

Esse foco na palavra criativa de Deus e na atenção amorosa dada à criação, especialmente à humanidade, é uma característica essencial da narrativa do Gênesis. Ela estabelece as bases teológicas e cosmológicas para a compreensão da relação entre o divino e o mundo criado, bem como o lugar especial do ser humano nesse contexto. A noção de Deus como um artífice divino, moldando o mundo com sabedoria e carinho, é um tema recorrente nas escrituras e tradições religiosas, influenciando profundamente a compreensão da criação e da existência humanas.

b) Dabar

Na narrativa da criação, identificamos uma potência criadora que, muitas vezes, passa despercebida devido à falta de uma análise aprofundada do texto. Essa potência é conhecida como "Dabar". É importante ressaltar que, em sua totalidade, Dabar não se limita a ser apenas um mero verbo; ele representa a Palavra de Deus, especificamente associada a Javé, o Deus do Antigo Testamento. Essa Palavra divina desempenha um papel fundamental em vários aspectos das escrituras, incluindo anúncios de ação, atos de criação, proclamações de boletins e promessas de salvação.

A respeito de Dabar, Gerhard Johannes Botterweck, fará a seguinte abordagem:

O substantivo dabar adquire nos vários contextos um significado mais específico do que o genérico de “palavra de Deus, discurso Divino”: pensamento (Ez 38,10), promessa (1 Rs. 2,4), ameaça (1 Rs 12.15), injunção, comando (Gn 24.33; Est. 1.12.19), prescrição (Est. 9.31), ordem (1 Rs 13.1), preceito (Sl 50,17; 119, 57), sugestão, conselho (Nm. 31, 16) 2 Sam. 17,6), pedido, desejo (2 Sm. 14,15), notícias (Gn.

37,14), e também comportamento, recusa (Est. 1,17).
(BOTTERWECK, 2002, 112)

Essa presença de Dabar no Antigo Testamento é notável em diversos momentos. No relato da criação em Gênesis 1:3, por exemplo, Javé utiliza a Palavra, proferindo o comando "haja", o que resulta na transformação do nada em algo tangível. Esse ato demonstra o poder criativo inerente a Dabar, que é capaz de trazer à existência aquilo que anteriormente não existia.

Além disso, encontramos evidências da influência de Dabar em outros livros do Antigo Testamento, como no livro de Jeremias. Nesse contexto, Javé utiliza a palavra para proclamar seu juízo sobre as nações (Jeremias 21:4-14) e, em seguida, executa esse juízo (Jeremias 39:1-9). Esses exemplos ressaltam a relação intrínseca entre Dabar e a ação divina, enfatizando seu papel na implementação dos planos e propósitos de Deus.

Portanto, Dabar é muito mais do que um conceito abstrato ou uma simples palavra; ele representa uma força divina que está intrinsecamente ligada ao movimento da criação, ao poder físico-cósmico que não apenas dá origem à vida, mas também a sustentação. Essa força é caracterizada por sua irresistibilidade, estabilidade e irrevogabilidade, aspectos que desempenham um papel crucial na teologia e na compreensão da ação de Deus no Antigo Testamento.

c) Ruah

Segundo a análise de Andrés Ibañez Arana, o termo "Ruah" pode ser traduzido como vento, sopro ou espírito. No contexto da narrativa da criação, "O espírito de Deus" - representado por Ruah - é compreendido como a força divina que infunde a vida às criaturas, manifestando-se anteriormente sobre a terra em estado caótico. Esse sopro divino prenuncia a intervenção que culminará na transformação do estado de *tohu wabohu* (vazio e sem forma) (ARANA, 2003, p. 27).

Por sua vez, André Chouraqui amplia a interpretação de Ruah ao afirmar que se refere ao sopro da respiração, ao vento, à vida e ao espírito, representando a potência de IAHWEH (Deus). Comparável a conceitos como "atman" no sânscrito, "dem" nos termos

persas e "pneuma" na tradição grega, o sopro de Elohim (Deus) é reconhecido como a fonte primordial da criação e da vida (CHOURAQUI, 1995, p. 36).

No desenrolar da narrativa de criação, torna-se evidente que é esse "sopro de Deus" que confere significado à origem da humanidade. Esse sopro divino não apenas par sobre as águas, mas também é infundido no ser humano diretamente por Deus. Sem a presença dessa Ruah de Deus, a humanidade perderia seu propósito, assim como a qualidade divina que lhe foi imbuída no momento da criação. Portanto, a importância da "terceira pessoa" da tríade divina se torna evidente, à medida que amorosamente permeia a criatura humana, infundindo nela a essência e o caráter divino, transformando-a em uma morada desse Ruah de Deus.

1.3 NARRATIVAS BÍBLICA E YORÙBÁ DA CRIAÇÃO

Nesta seção, nos lançaremos sobre os escritos bíblicos, em especial a primeira narrativa da criação de Gênesis (Gn 1,1-2,4a) e um trecho subsequente da segunda narrativa da criação (Gn 2,4b-25), para então adentrar no mito maior da criação na tradição Yorùbá.

As páginas iniciais da Bíblia oferecem uma visão poderosa da formação do universo, destacando a ordem da criação e o papel central de Deus na moldagem do mundo. Em contrapartida, o rico e profundo mito Yorùbá revela uma perspectiva singular sobre o nascimento do cosmos, revisitando divindades, mitos e simbolismos peculiares.

Explorar estas narrativas é mergulhar em duas tradições profundamente enraizadas, cada uma oferecendo uma janela única para compreender a origem do universo e da humanidade. Ao comparar esses relatos, não apenas identificamos suas nuances, mas também enxergamos as diferentes lentes culturais e espirituais através das quais a criação é entendida e transmitida.

Aprofundar-se nessas narrativas não apenas amplia nosso conhecimento sobre as origens, mas também nos permite apreciar a diversidade de expressões culturais e espirituais que enriquecem a experiência humana. Assim, nesta seção, analisaremos as nuances e significados presentes na primeira narrativa da criação bíblica e no mito proeminente da criação Yorùbá, abrindo caminho para uma compreensão mais rica e abrangente de nossa existência e cosmovisão.

1.3.1 Narrativa da Criação em Gênesis

A primeira narrativa a examinar é Gn 1,1-31:

1. No princípio, Deus criou o céu e a terra.
2. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas.
3. Deus disse: “Haja luz”, e houve luz.
4. Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas.
5. Deus chamou a luz “dia” e as trevas “noite”. Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia.
6. Deus disse: “Haja firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas”, e assim se fez.
7. Deus fez o firmamento, que separou as águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento,
8. e Deus chamou ao firmamento “céu”. Houve uma tarde e uma manhã: segundo dia.
9. Deus disse: “Que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar e que apareça o continente”, e assim se fez.
10. Deus chamou ao continente “terra” e a massa das águas “mares”, e Deus viu que isso era bom.
11. Deus disse: “Que a terra verdeje de verdura: ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem sobre a terra, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente”, e assim se fez.
12. A terra produziu verdura: ervas que dão semente segundo sua espécie, árvores que dão, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente, e Deus viu que era bom.
13. Houve uma tarde e uma manhã: terceiro dia.
14. Deus disse: ” Que haja luzeiros no firmamento do céu para separar o dia e a noite; que eles sirvam de sinais, tanto para as festas quanto para os dias e os anos;
15. que sejam luzeiros no firmamento do céu para iluminar a terra”, e assim se fez.
16. Deus fez os dois luzeiros maiores: o grande luzeiro como poder do dia e o pequeno luzeiro como poder da noite, e as estrelas.

17. Deus os colocou no firmamento do céu para iluminar a terra,
18. para comandar o dia e a noite, para separar a luz e as trevas, e Deus viu que isso era bom.
19. Houve uma tarde e uma manhã: quarto dia.
20. Deus disse: “Fervilhem as águas um fervilhar de seres vivos e que as aves voem acima da terra, sob o firmamento do céu”, e assim se fez.
21. Deus criou as grandes serpentes do mar e todos os seres vivos que rastejam e que fervilham nas águas segundo sua espécie, e as aves aladas segundo sua espécie. E Deus viu que era bom.
22. Deus os abençoou e disse: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a água dos mares, e que as aves se multipliquem sobre a terra. ”
23. Houve uma tarde e uma manhã: quinto dia.
24. Deus disse: “Que a terra produza seres vivos segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e feras segundo sua espécie, assim se fez.
25. Deus fez as feras segundo sua espécie, os animais domésticos segundo sua espécie e todos os répteis do solo segundo sua espécie, e Deus viu que isso era bom.
26. Deus disse: “Façamos o homem, a nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra”
27. Deus criou o homem, a sua imagem, a imagem de Deus, ele o criou, homem e mulher ele os criou.
28. Deus os abençoou e lhes disse: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra. ”
29. Deus disse: “Eu vos dou todas as ervas que dão semente, que estão sobre toda a superfície, e todas as árvores que dão frutos que dão semente: isso será vosso alimento.
30. A todas as feras, a todas as aves do céu, a tudo o que rasteja sobre a terra e é animado de vida, eu dou como alimento toda a verdura das plantas”, e assim se fez.
31. Deus viu tudo o que tinha feito: e era ótimo. Houve uma tarde e uma manhã: sexto dia

Na sequência, examinamos também Gn 2,1-4^a:

1. Assim foram concluídos o céu e a terra, com todo o seu exército.
2. Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou, depois de toda a obra que fizera.
3. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda a sua obra de criação.
4. Essa é a história do céu e da terra, quando foram criados.

O terceiro texto é 2,4b-25:

- 4b. No tempo em que Iahweh Deus fez a terra e o céu,
5. não havia ainda nenhum arbusto dos campos sobre a terra e nenhuma erva dos campos tinha ainda crescido, porque Iahweh Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar o solo.
6. Entretanto, um manancial subia da terra e regava toda a superfície do solo.
7. Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente.
8. Iahweh Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara.
9. Iahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore-da-vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal.
10. Um rio saía de Éden para regar o jardim e de lá se dividia formando quatro braços.
11. O primeiro chama-se Fison; rodeia toda a terra de Hévila, onde há ouro;
12. é puro o ouro dessa terra na qual se encontram o bdélio e a pedra de ônix.
13. O segundo rio chama-se Geon: rodeia toda a terra de Cuch.
14. O terceiro rio se chama Tigre: corre pelo oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates.
15. Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar.

16. E Iahweh Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim.

17. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer.

18. Iahweh Deus disse: "Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda."

19. Iahweh Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual devia levar o nome que o homem lhe desse.

20. O homem deu nomes a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras selvagens, mas, para o homem, não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse.

21. Então Iahweh Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar.

22. Depois, da costela que tirara do homem, Iahweh Deus modelou uma mulher e a trouxe ao homem.

23. Então o homem exclamou: "Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada 'mulher', porque foi tirada do homem!"

24. Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne.

25. Ora, os dois estavam nus, o homem e sua mulher, e não se envergonhavam.

Os trechos das narrativas da criação bíblica, presentes nos primeiros capítulos do livro de Gênesis, oferecem uma visão detalhada do processo divino de criação do mundo. Começando com a afirmação "No princípio, Deus criou o céu e a terra", é estabelecido o ponto inicial da existência, descrevendo a origem do universo por meio do poder divino.

A descrição inicial da terra como vazia e em trevas sugere um estado primordial antes da intervenção de Deus. Ao separar a luz das trevas e criar a luz, há uma distinção fundamental que inaugura a ordem e a diferenciação na criação. A distinção entre a luz e as trevas é reconhecida por Deus como algo bom, enfatizando o discernimento divino sobre a qualidade daquilo que foi criado.

A sequência dos dias estabelece um cronograma detalhado da criação, delineando os períodos nos quais cada ação criativa ocorreu. A separação das águas e a formação do firmamento, bem como a organização da terra e dos mares, demonstram uma estrutura ordenada e organizada no mundo.

A floração e frutificação da terra após a ordem divina evidenciam uma continuação do processo criativo, culminando na criação dos astros no céu para marcar os ciclos temporais, destacando a ordem celestial em relação à Terra.

A criação dos seres vivos, desde os marinhos e alados até os animais terrestres, incluindo a criação do homem à imagem de Deus, reflete uma significativa distinção em relação às outras criaturas e confere uma responsabilidade especial ao ser humano sobre a Terra.

Finalmente, a criação da mulher a partir do homem, enfatizando a complementaridade e a ligação íntima entre os seres humanos, acrescenta uma dimensão relacional fundamental à narrativa, estabelecendo bases teológicas e éticas importantes para a tradição judaico-cristã. Estes relatos não apenas descrevem a origem do mundo, mas também oferecem um arcabouço teológico profundo que influenciou significativamente a compreensão da origem da humanidade e sua relação com o mundo criado por Deus.

1.3.2 Narrativa Yorùbá da Criação: o mito maior

Dentro da rica tradição Yorùbá, a diversidade de mitos de criação é impressionante. Alguns destes mitos narram grandiosas realizações dos *Òrìṣà*, como *Ọ̀ṣọ̀ṣì*, *Ṣàngó*, entre outros, ressaltando seus feitos extraordinários e seus papéis na ordem cósmica.

Outros mitos buscam descrever o evento primordial da criação. Dentro dessa categoria, encontramos os mitos menores, como aquele que relata a origem do mundo mediante Yemojá, a poderosa divindade das águas, venerada como mãe de muitos dos orixás.

No entanto, é o mito maior da criação que se destaca, apresentando a narrativa abrangente sobre a origem do mundo através da tríade composta por *Ọ̀bàtálá*, *Odùduwà* e *Olódùmarè*. Esse relato mitológico é central na cosmogonia Yorùbá, descrevendo detalhadamente como essas divindades primordiais colaboraram na criação e formação do universo e da humanidade.

Nesta seção, nos aprofundaremos de forma introdutória nesses mitos maiores, oferecendo um vislumbre dessa rica narrativa que fundamenta a compreensão do mundo na tradição Yorùbá. A seguir, o mito maior da criação:

Num tempo em que o mundo era apenas imaginação de Olódùmarè, só existia o infinito firmamento e abaixo dele a imensidão do mar. Olorum, Senhor do Céu, e Olocum, a Dona dos Oceanos, tinham a mesma idade e compartilhavam os segredos do que já existia e do que ainda existiria. Olorum e Olocum tiveram dois filhos: Oxalá, o primogênito, também chamado Ọbàtálá, e Odudua, o mais novo.

Olorum-Olódùmarè encarregou Ọbàtálá, o Senhor do Pano Branco, de criar o mundo. Deu-lhe poderes para isso. Ọbàtálá foi consultar Ọ̀rúnmilà, que lhe recomendou fazer oferendas para ter sucesso na missão. Mas Ọbàtálá não levou a sério as prescrições de Ọ̀rúnmilà, pois acreditava somente em seus próprios poderes. Odudua observava tudo atentamente e naquele dia também consultou Ọ̀rúnmilà. Ọ̀rúnmilà assegurou a Odudua que, se ele oferecesse os sacrifícios prescritos, seria o chefe do mundo que estava para ser criado. A oferenda consistia em quatrocentas mil correntes, uma galinha com pés de cinco dedos, um pombo e um camaleão, além de quatrocentos mil búzios. Odudua fez as oferendas.

Chegado o dia da criação do mundo, Ọbàtálá se pôs a caminho até a fronteira do além, onde Exu é o guardião. Ọbàtálá não fez as oferendas nesse lugar, como estava prescrito. Exu ficou muito magoado com a insolência e usou seus poderes para se vingar de Oxalá. Então, uma grande sede começou a atormentar Ọbàtálá. Ọbàtálá aproximou-se de uma palmeira e tocou seu tronco com seu comprido bastão. Da palmeira jorrou vinho em abundância e Ọbàtálá bebeu do vinho até se embriagar. Ficou completamente bêbado e adormeceu na estrada, à sombra da palmeira-de-dendê. Ninguém ousaria despertar Ọbàtálá.

Odudua tudo acompanhava.

Quando se certificou do sono de Oxalá, Odudua apanhou o saco da criação que fora dado a Ọbàtálá por Olorum. Odudua foi a Olódùmarè e lhe contou o ocorrido. Olódùmarè viu o saco da criação em poder de Odudua e confiou a ele a criação do mundo. Com as quatrocentas mil correntes Odudua fez uma só e por ela desceu até a superfície de ocum (o mar). Sobre as águas sem fim, abriu o saco da criação e deixou cair um montículo de terra. Solto a galinha de cinco dedos e ela voou sobre o montículo, pondo-se a ciscá-lo. A galinha espalhou a terra na superfície da água. Odudua exclamou na sua língua: Ilé ‘nfé! – que é mesmo que dizer “a Terra se expande!”, frase que depois deu nome à cidade de Ifé, cidade que está exatamente no lugar onde Odudua fez o mundo. Em seguida, Odudua apanhou o camaleão e fez com que ele caminhasse naquela superfície, demonstrando assim a firmeza do lugar.

Ọbàtálá continuava adormecido. Odudua partiu para a Terra para ser seu dono.

Então, Ọbàtálá despertou e tomou conhecimento do ocorrido. Voltou a Olódùmarè contato sua história. Olódùmarè disse: “O mundo está criado. Perdeste uma grande oportunidade”. Para castigá-lo, Olódùmarè proibiu Ọbàtálá de beber vinho-de-palma para sempre, ele e todos os seus descendentes.

Mas a missão não estava ainda completa e Olódùmarè deu outra dádiva a Ọbàtálá: a criação de todos os seres vivos que habitariam a Terra. E assim Ọbàtálá criou todos os seres vivos e criou o homem e criou a mulher. Ọbàtálá modelou em barro os seres humanos e o sopro de Olódùmarè os animou. O mundo agora se completara. E todos louvavam Ọbàtálá. (PRANDI, 2001, p. 503-506).

CAPÍTULO 2: ANÁLISE DOS ATRIBUTOS COSMOGÔNICOS

A compreensão da criação no âmbito das tradições religiosas abrange mitos fundamentais que delineiam o nascimento e a estruturação do universo. No contexto dos mitos cosmológicos, tanto na tradição do Gênesis quanto na cosmovisão Yorùbá, os atributos das divindades envolvidas desempenham um papel essencial na manifestação e ordenação do cosmos.

Este capítulo se propõe a analisar detalhadamente os atributos cosmogônicos presentes na tríade do Gênesis e na mitologia Yorùbá. Exploraremos as características distintas e comuns das entidades criadoras, como Elohim, Dabar, Ruah, Olódùmarè, Ọbàtálá e Odùduwà, mergulhando na profundidade de suas naturezas divinas, poderes criativos e influência na gênese do mundo.

Por meio de uma análise comparativa, buscaremos identificar pontos de convergência e divergência entre as representações dessas entidades, destacando suas

contribuições para a criação do universo e do ser humano. Ao compreender os atributos cosmogônicos dessas tradições, pretendemos oferecer percepções para a compreensão mais ampla das visões de mundo dessas culturas e as implicações de seus mitos na compreensão da existência humana e cósmica.

Além disso, parte fundamental deste estudo é promover o diálogo inter-religioso entre ambas as tradições, a fim de suprimir o racismo religioso que divide ambas as comunidades. Buscamos fomentar o entendimento mútuo, reconhecendo as similaridades e diferenças entre esses mitos e entidades criadoras. Ao explorar essas convergências e divergências, almejamos construir pontes de entendimento e respeito, transcendendo barreiras culturais e religiosas.

2.1 Atributos cosmogônicos da tríade do Gênesis

O lugar de “Elohim” na criação desempenha um papel central e fundamental, uma vez que é apresentado como o agente primordial responsável por trazer o mundo à existência. A ausência de Elohim resultaria na inexistência de luz, águas, animais e seres humanos. Portanto, Elohim é o ponto de partida da existência. No entanto, é importante notar que Ele não age isoladamente; sua atuação na criação envolve a colaboração de duas potências criadoras distintas: Dabar e Ruah.

A seguir, realizaremos uma análise detalhada dos atributos explicitamente atribuídos a Elohim no ato da criação, bem como dos atributos cosmogônicos associados a cada uma das potências criadoras envolvidas nesse processo.

2.2.1 Atributos de Elohim

Na teologia, as “potências próprias de Deus na criação” são elementos que se referem aos atributos, características e ações divinas intimamente ligadas ao ato da criação e à subsequente regulação do universo. Essas potências manifestam-se como uma expressão da natureza singular de Deus, tanto como o Criador original quanto como o Sustentador contínuo de todas as coisas. A seguir, serão apresentadas algumas das principais potências próprias de Deus na criação:

Onipotência: A onipotência é a capacidade de Elohim de realizar qualquer coisa que seja consistente com a sua natureza e vontade. Na criação, a onipotência de Elohim é manifesta através do ato de trazer o universo à existência a partir do nada. Deus tem o poder de criar do nada, ordenar e moldar a realidade de acordo com sua vontade. O salmista reafirma essa onipotência ao afirmar: Porque ele (Elohim) falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir (Sl 33:9).

Onisciência: A onisciência de Elohim, que engloba o conhecimento completo e perfeito de todas as coisas, vai além das limitações temporais humanas, abarcando não apenas o passado e o presente, mas também oferecendo uma compreensão abrangente do futuro. Na criação, esse atributo divino implica uma visão integral de todas as possibilidades e consequências resultantes das Suas ações criativas, incluindo a interação dinâmica e evolutiva de cada elemento ao longo do tempo. Isaías 46:9-10 reforça essa ideia: lembrai-vos das coisas passadas há muito tempo, porque eu sou Deus e não há outro! Sim, sou Deus e não há quem seja igual a mim. Desde o princípio anunciei o futuro, desde a antiguidade, aquilo que ainda não acontecera. Esse versículo destaca a singularidade e a soberania de Deus sobre o tempo e a criação, revelando sua capacidade de conhecer e guiar todas as coisas desde a sua origem até o seu cumprimento definitivo.

Benevolência: A benevolência de Deus refere-se ao seu amor, bondade e cuidado pela criação. Deus criou o universo não apenas como um ato de poder, mas também como uma expressão de seu amor. Sua benevolência é demonstrada através da provisão para a sustentação da vida e pela oferta de orientação e propósito para a humanidade.

2.2.2 Atributos de Dabar

Assim como Elohim, Dabar ocupa um lugar teológico de extrema importância na narrativa da criação. Dabar desempenha um papel crucial no processo criativo, revelando-se não como um simples evento casual, mas sim como um evento teológico de magnitude. Por meio de Dabar, a vontade de Javé é revelada, culminando em um ato de criação altamente organizado e permeado de amor. É por meio de Dabar que Javé triunfa sobre o caos inicial, infunde luz no cosmos e estabelece ordem. Além disso, Dabar coloca a responsabilidade primordial sobre a humanidade: a administração e o cuidado da Terra.

No contexto da Teologia Judaica, a ação de Dabar é considerada como um ato de superação e um evento significativo, como destacado por Brian Kibuuka:

Elohim garante a superação do caos primordial ao "dizer" [em hebraico, *dabar*] (e não lutar, como nas cosmogonias mesopotâmicas). A fala divina é Palavra-Acontecimento: Yahweh diz e tudo o que ele evoca pela sua voz acontece. A fala divina faz surgir primeiro a luz, aquilo que permite ver a bondade inerente à criação (Gênesis 1.4,10,12,18,21,25). A luz e as trevas ainda contêm o caos, mas permite vê-lo, percebê-lo e transformá-lo. Mais ainda: a luz dá início aos dias, cujos ciclos são contados muito rapidamente, das trevas para a luz. Logo, o surgimento da luz a cada dia faz com que se permita ver a criação como ato contínuo, uma vez que, como no primeiro dia da história, nas trevas surgiu a luz pela Palavra de Deus: *yahT 'ôr wa, Yehi-'ôr* [haja luz, e houve luz] (Gênesis 1.3). (KIBUUKA,2019, p.110)

A criação por meio de Dabar é essencialmente um evento de natureza verbal, caracterizado por um diálogo de amor. Esse diálogo divino alcança seu ponto culminante no relato do Gênesis, com a criação do homem, considerado a "imagem de Deus". O homem é concebido como o interlocutor natural desse diálogo, o único ser capaz de compreender as palavras de Deus, responder a elas e, como representante de Deus, atribuir nomes às coisas (conforme descrito em Gn 2,19-20).

Além disso, essa Palavra criadora carrega em si a possibilidade, posteriormente revelada e realizada no Novo Testamento, de que Deus não apenas 'pronuncia' o mundo, mas também 'se manifesta' ao mundo. A Palavra pela qual todas as coisas foram criadas torna-se, por si só, uma parte integral do mundo, e esse Logos encarnado passa a ser a própria lógica da criação.

Os atributos de Dabar com alcance cosmogônico, são:

Poder Criativo: A "Palavra do Senhor" é vista como uma potência criacional com força ativa e criativa que trouxe o universo à existência. Em Gênesis 1:3, lemos: 'Então Deus disse: 'Haja luz', e houve luz.' Este versículo inicial da narrativa da criação destaca vividamente o poder intrínseco da palavra de Deus. Sua simples declaração deu origem a algo que não existia previamente, ilustrando a capacidade criativa da Palavra do Senhor. Essa representação da palavra como um agente criativo ressalta o papel essencial da Palavra de Deus na manifestação do universo.

Organização e Ordem: A "Palavra do Senhor" é a manifestação do seu poder criativo, trazendo ordem ao caos original. Em Gênesis 1:3-4, vemos o início da criação, quando Deus disse: "Haja luz", estabelecendo a separação entre luz e trevas. Essa palavra divina não apenas trouxe luz física, mas também inaugurou um padrão divino de ordem, delineando uma estrutura organizada no universo. O Salmo 33:6 reforça esse poder criativo da palavra divina: "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles, pelo sopro da sua boca." Nessa perspectiva, a palavra de Deus não é apenas um comando, mas o instrumento ordenador que estabeleceu o cosmos em sua disposição e estrutura.

Vontade Divina: A expressão "Dabar YHWH" revela a manifestação da vontade de Deus na criação. Sua palavra é o meio pelo qual seu propósito é expresso. Em Salmo 33:9, lemos: "Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo surgiu." Essa palavra divina não apenas executa a vontade de Deus, mas também é o meio pelo qual Seu plano eterno é realizado na criação. Isaías 55:11 destaca a eficácia da palavra divina: "Assim será a palavra que sair da minha boca: ela não voltará para mim vazia, mas fará o que desejo e atingirá o propósito para o qual a enviei." Aqui, vemos que a palavra de Deus é intrinsecamente ligada ao cumprimento de Seus desígnios.

Conexão entre Deus e a Criação: Através da "Palavra do Senhor", estabelece-se uma conexão direta entre Deus e Sua criação. Em Hebreus 1:3, Cristo é apresentado como "o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder." Isso não apenas destaca a criação, mas também ressalta a contínua sustentação do universo através da palavra divina. O Evangelho de João 1:3 enfatiza ainda mais essa conexão: "Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez." Aqui, a palavra divina é reconhecida como o agente primordial na criação e manutenção do cosmos, evidenciando a interdependência entre Deus e Sua obra criativa.

Causa Primordial: Na tradição judaico-cristã, a "Palavra do Senhor" é considerada a causa primordial da criação. Em João 1:1-3, é declarado: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez." Aqui, o "Verbo" representa a palavra divina como o princípio e a causa de toda a criação, estabelecendo

sua importância fundamental na ordem e existência do universo desde o início dos tempos.

2.2.3 Atributos de Ruah

Concomitantemente a Elohim e Dabar, a narrativa da criação é profundamente influenciada pela atuação de Ruah. Ruah, que pode ser traduzido como "espírito" ou "vento", representa a força criativa e vital de Deus e é simbolizada como pairando sobre as águas primordiais. Ela encarna o princípio vital que Deus instaura diante do caos inicial, conferindo ordem e vida ao mundo. A presença de Ruah na narrativa da criação é compreendida como uma manifestação do poder e da atividade divina, dotando o mundo com ordem, vitalidade e beleza.

Além disso, Ruah desempenha a função de um espírito vivificante que confere significado a toda a criação, preparando o cosmos para o evento transcendental da criação. Ruah simbolicamente envelheceu como uma agitadora ou incubadora cósmica, criando as condições necessárias para o grande evento universal: a criação do mundo e da humanidade. Nesse contexto, Ruah representa a presença de Deus em seu ímpeto criativo. O vento gerado pelo movimento desencadeado pelo Espírito garante que a criação esteja em progresso, que a terra seja povoada e que todas as coisas serão dotadas de vida e, por conseguinte, de funcionalidade.

A seguir, os atributos cosmogônicos de Ruah:

Força Criativa e Geradora: A Ruah é a força criativa pela qual Deus trouxe o universo à existência. Gênesis 1:2 relata: "A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas." Aqui, a presença do Espírito de Deus, a Ruah, sobre as águas caóticas indica o início da criação, simbolizando a atividade divina que moldaria o cosmos. Adicionalmente, em Jó 33:4, é dito: "O Espírito de Deus me fez; o sopro do Todo-Poderoso me dá vida." Essa passagem reforça a ideia da Ruah como a força criativa, pois é através dela que toda a vida é formada.

Sopro da Vida: A Ruah é o "sopro de vida" que Deus insuflou nas narinas de Adão, conferindo-lhe vida e alma. Gênesis 2:7 declara: "Então, o Senhor Deus formou o homem

do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente." Aqui, a Ruah é a expressão divina que conecta a humanidade à fonte da vida. Complementarmente, em Jó 27:3, podemos ler: "Enquanto me restar o sopro de Deus nos meus narizes, e o espírito de Deus estiver em minhas narinas." Essa passagem destaca a continuidade do sopro divino como uma conexão permanente entre o ser humano e Deus.

Ordem e Transformação: A Ruah está associada à transformação e à ordem na narrativa da criação. Gênesis 1:3-4 registra: "Disse Deus: 'Haja luz!' E houve luz. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas." Aqui, a Ruah participa ativamente na ordenação dos elementos, evidenciando sua função na criação. Adicionalmente, em Salmos 104:30, está escrito: "Envias o teu Espírito, e são criados, e assim renovas a face da terra." Essa passagem destaca a Ruah como uma força transformadora que continua a agir na criação, trazendo ordem e renovação.

Renovação e Regeneração: A Ruah é associada à renovação e regeneração. Em Tito 3:5, lemos: "Ele nos salvou, não por obras de justiça que nós houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, pela lavagem da regeneração e da renovação pelo Espírito Santo." Aqui, o Espírito Santo, a Ruah, é reconhecido como o agente de renovação na vida espiritual. Ademais, em Ezequiel 36:26-27, encontramos: "Dar-vos-ei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos." Essa passagem destaca a Ruah como a força que traz renovação espiritual, transformando e regenerando a vida daqueles que são tocados por ela.

2.3. Atributos da tríade criadora yorubana

Os atributos da tríade criadora na cosmovisão Yorùbá representam elementos complexos e multifacetados intrinsecamente ligados à cosmologia dessa cultura ancestral. Dentro da tradição Yorùbá, a compreensão da criação e da existência está entrelaçada com os atributos distintos de três divindades fundamentais: Olódùmarè, Odùduwà e Ọ̀bàtálá.

Olódùmarè, frequentemente considerado o Deus supremo, personifica a essência da criação e é concebido como a fonte primordial de todo o universo. Sua grandiosidade

é simbolizada pela capacidade de gerar vida e estabelecer as bases primordiais que permeiam a existência cósmica.

Odùduwà, o ancestral lendário e patriarca, é reconhecido como uma figura seminal na mitologia Yorùbá, associado à fundação mítica de Ifé e à criação da civilização Yorùbá. Sua narrativa é permeada por mitos e está intrinsecamente ligada ao estabelecimento das estruturas sociais, políticas e culturais.

Ọbàtálá, por sua vez, é concebido como o artífice divino responsável pela formação e moldagem da humanidade. Sua presença é fundamentada na concepção de ordem e pureza, simbolizando não apenas a criação física, mas também a definição de princípios morais e éticos essenciais à existência humana.

A compreensão dos atributos dessas divindades essenciais na tríade criadora Yorùbá é de significativa relevância para uma apreciação profunda das raízes culturais, dos valores espirituais e do arcabouço social que permeiam a rica cosmovisão desse povo. Explorar esses atributos é adentrar nas profundezas de uma sabedoria ancestral que continua a influenciar e inspirar não apenas a cultura Yorùbá, mas também a compreensão global da complexidade da existência humana.

2.3.1 Olódùmarè

No contexto da cosmogonia Yorùbá, Olódùmarè ocupa uma posição singular e de destaque como a principal entidade responsável pelo ato da criação. Sua vontade e poder criativo desempenham um papel fundamental na gênese e materialização do universo. Olódùmarè representa o epicentro da existência humana e do ecossistema, sendo sua presença indispensável para a existência de elementos constituintes fundamentais, como a expansão territorial, a estabilidade geográfica, a presença de seres humanos, a diversidade de vida animal e a variedade vegetal.

A ausência de Olódùmarè teria como consequência a inexistência desses elementos vitais, impactando profundamente a realidade fenomênica. Assim, Olódùmarè é reconhecido como a fonte primordial e incondicional de toda a manifestação vital e da diversidade existencial na cosmogonia Yorùbá. Sua participação é essencial para o estabelecimento da realidade fenomênica, demonstrando a centralidade de sua figura na compreensão do mundo e da vida para os Yorùbá.

Dito isto, os seus atributos cosmogônicos são:

Onipotência: Olódùmarè é concebido como uma entidade onipotente, dotada de um poder supremo que possibilita a concepção e a materialização do universo. Sua força criativa é o impulso primordial que desencadeia a formação e expansão do mundo.

Onipresença: A onipresença de Olódùmarè é manifesta no momento da criação, permeando todos os cantos do universo antes, durante e após sua materialização. Seu poder criativo está presente em todos os aspectos da formação do mundo.

Onisciência: A onisciência de Olódùmarè é evidenciada na sua percepção abrangente e completa de todos os elementos e potencialidades do universo que está prestes a criar. Ele compreende plenamente o que é necessário para dar origem ao mundo.

Criatividade: Olódùmarè é o arquiteto primordial, dotado da capacidade criativa essencial para conceber e moldar o mundo. Sua criatividade é a essência da arquitetura cósmica e a fonte de todos os elementos e formas presentes no universo.

Ordenação e Harmonização: Ele desempenha um papel fundamental na ordenação e harmonização do mundo recém-criado, estabelecendo estruturas, leis e equilíbrios que regem a interação e a coexistência harmoniosa de todas as partes da criação.

2.3.2 Ọbàtálá

Apesar da perda de sua posição de primazia funcional no contexto do evento criacional, Ọbàtálá mantém uma posição inegavelmente significativa no ato de criação. Sua função central reside na geração de todos os seres vivos, com destaque especial para a criação da humanidade. É em Ọbàtálá que encontramos a capacidade singular de moldar a humanidade a partir de uma substância fundamentalmente simples e ubíqua, notadamente o barro. Esse material atua como substrato a partir do qual Ọbàtálá expressa sua habilidade criativa, estabelecendo uma conexão intrínseca com a gênese primordial da condição humana.

Destacam-se, pois, os seguintes atributos cosmogônicos de Ọbàtálá:

Criatividade e Moldagem primordial: Na cosmogonia Yorùbá, Ọ̀bàtálá personifica a manifestação mais elevada de criatividade primordial e moldagem essencial. Ele é investido com a capacidade distintiva de conceber e dar forma à matéria-prima, imprimindo contornos à existência e delineando com precisão a estrutura do universo.

Força Modeladora e Transformadora: Além disso, Ọ̀bàtálá é dotado de uma força intrínseca, tanto modeladora quanto transformadora, que assume um papel preponderante na configuração e metamorfose da matéria-prima. Essa força, derivada de sua natureza divina, desempenha um papel fundamental ao moldar a substância inicial em diversas formas, infundindo vida, propósito e substância à criação.

Sabedoria: A sabedoria derivada de Ọ̀bàtálá é caracterizada pela sua profundidade e natureza divina. Estes detentores de conhecimento abrangente e transcendente orientam suas ações durante o processo criativo do mundo. Essa sabedoria se revela vital para estabelecer e manter a ordem cósmica, promovendo o equilíbrio e sustentando as leis fundamentais que governam a existência e a coexistência harmoniosa dos elementos constituintes do cosmos.

2.3.3 Odùduwà

Odùduwà, inicialmente, não estava concebido no projeto criacional delineado por Olódùmarè. Entretanto, sua perspicácia e habilidade estratégica conferiram-lhe um papel relevante como agente na execução do criacional. A partir desse ponto, a incumbência central atribuída a Odùduwà consiste em uma das tarefas de maior magnitude no contexto do advento da criação, sendo a concepção e estruturação da terra.

Na análise da narrativa mitológica que descreve a participação de Odùduwà na criação do mundo na mitologia Yorùbá, destacam-se dois atributos cosmogônicos essenciais: a capacidade criadora e a habilidade organizativa.

Capacidade Criadora: Odùduwà é apresentado como um ser divino investido de uma proeminente capacidade criadora, sendo-lhe atribuído o papel central na materialização e formação inicial do mundo. Esse atributo, caracterizado por sua habilidade de conceber e implementar a gênese do universo, é de fundamental importância na cosmogonia Yorùbá. Odùduwà é o agente criativo que transforma o potencial primordial em manifestação

concreta, exemplificado pela formação da terra a partir da semente da criação. Neste contexto, ele é percebido como o executor do plano divino, traduzindo ideias abstratas em realidade tangível por meio de sua competência criativa.

Habilidade Organizativa; Além de sua capacidade criativa, Odùduwà exibe uma notável habilidade organizativa durante o ato da criação. Ele segue uma sequência ordenada de ações, atendendo às instruções divinas e realizando oferendas ritualísticas prescritas. Sua habilidade de organizar o processo criativo destaca-se, evidenciando uma estruturação meticulosa e eficaz. A distribuição cuidadosa da terra sobre as águas do oceano e a fundação da cidade sagrada de Ifé demonstram uma organização precisa na materialização do mundo e na instituição de um ponto central e significativo na cosmogonia Yorùbá. Esta competência organizativa ressalta a importância de uma abordagem ordenada e sistematizada na implementação da criação cósmica.

2.4 Aproximação e distinção das divindades criadoras

Aqui, analisamos os símbolos que permeiam o ato criacional nas divindades presentes no Gênesis e no mito maior Yorùbá. Os símbolos, representações concretas ou abstratas, encapsulam conceitos culturais, religiosos e filosóficos profundos. No contexto das divindades, tais símbolos expressam aspectos intrínsecos à criação, fundamentais para compreender suas cosmologias e teologias.

Essa análise, além de elucidar a riqueza simbólica nas tradições religiosas, estabelece um alicerce para investigações comparativas e diálogos interculturais. Ao identificar elementos de aproximação e distinção, bem como as forças de mediação nos símbolos das divindades Bíblicas e Yorùbá, é possível vislumbrar pontes conceituais que enriqueçam o entendimento entre essas esferas religiosas, contribuindo para um diálogo respeitoso e enriquecedor entre diferentes sistemas de crenças e culturas.

2.4.1 A Criação do Cosmos

2.4.1.1 Elohim e Olódùmarè

a) Aproximação:

Autonomia no ato criativo: Similarmente a Elohim, Olódùmarè detém plena autonomia no processo criativo. Destarte, todas as ações no ato criativo se concretizam unicamente por meio dessas entidades.

Imanência e transcendência: Do mesmo modo, Elohim e Olódùmarè são imanentes, haja vista que ambos estão presentes ativamente na criação do cosmo permeando cada aspecto do universo e cada vida, sendo a essência que sustenta e nutre toda a existência. Simultaneamente, Elohim e Olódùmarè revelam-se como entidades transcendentais, situadas para além do âmbito do universo, antecedentes a toda existência, e detentoras de sabedoria e poder supremos que fundamentaram a gênese do cosmos.

Palavra cosmogônica: Em Elohim e Olódùmarè, identifica-se um elemento simbólico singular: a palavra cosmogônica, conhecida como "ofò" entre os Yorùbá. Este termo detém a habilidade de convocar a existência a partir do vazio, sendo mediante ele que o cosmos adquire sua forma e ordem.

b) Distinção:

Papel e função divina diferentes: Há uma grande distinção entre Olódùmarè e Elohim no que diz respeito à sua natureza teológica na criação do cosmos. Isso se dá, pois, a origem de Elohim é trinitária, logo, o desenrolar no ato criativo se dá em perfeita e eterna consonância com Dabar e Ruah, já em Olódùmarè, esse processo ocorre de forma independente, logo, ele cria o cosmo sem consultar outras divindades.

Interação com o cosmos: Ao longo do desenrolar do processo criativo do cosmos na narrativa bíblica, observa-se uma intensa interação de Elohim com o universo em formação. Esse engajamento se manifesta na criação direta de elementos como luz, mares, continentes, entre outros. Em contrapartida, no contexto de Olódùmarè, esse processo se desdobra de maneira distinta, onde sua presença é observada principalmente ao emitir instruções específicas. Notavelmente, a função de interação direta é delegada aos Òrìṣà, conferindo-lhes assim a responsabilidade de participar ativamente na configuração do cosmos.

c) Forças de mediação

Elohim: Dabar

Olódùmarè: Ofò e Òrìṣà

2.4.1.2 Elohim e Odùduwà

a) Aproximação

Poder criativo: Assim como Elohim, Odùduwà desempenha um papel primordial no contexto da criação do cosmos, exercendo o poder criativo. Desse modo, ambos se configuram como pontos de origem da criação, sendo por meio deles que a terra adquire firmeza e forma, e os mares e continentes vêm à existência. Portanto, tanto Elohim quanto Odùduwà representam a força motriz que desencadeia o processo criativo do cosmos.

Organização cosmológica: Ambos, Odùduwà e Elohim, demonstram a habilidade de organizar o cosmos de maneira distintiva. Elohim, por exemplo, realiza a separação das águas, distinguindo aquelas sob o firmamento das que estão acima do mesmo. Por outro lado, Odùduwà exerce sua capacidade organizacional ao moldar um montículo de terra, resultando na criação dos continentes.

b) Distinção

Lugar no ato criativo: Elohim e Odùduwà ocupam papéis nitidamente distintos no processo criacional. Elohim é responsável pela totalidade do processo criativo, abarcando a concepção e formação de todo o cosmos. Em contraste, Odùduwà desempenha uma função específica, centrada na gênese do substrato terrestre, moldando e estabelecendo a fundação primordial da terra.

Natureza da Intervenção Criativa: A intervenção criativa de Elohim é retratada como um ato divino, no qual Sua palavra é proferida e, instantaneamente, as criações emergem. Esse cenário exemplifica um poder transcendente e imediato de gênese. Por outro lado, Odùduwà empreende sua intervenção criativa de forma mais tangível e física, manipulando a terra que lhe foi concedida para erigir os contornos continentais, denotando um processo de configuração manual e concreta.

c) Forças de mediação

Elohim: Dabar,

Olódùmarè: Ofò e Òrìṣà, saco da criação, Galinha de cinco dedos e Camaleão

A análise das divindades criadoras revela uma notável convergência e divergência na criação do cosmos. Tanto Elohim quanto Olódùmarè compartilham traços de autonomia e imanência/transcendência, estando ativamente presentes no ato criativo do cosmo, permeando cada aspecto do universo.

A aproximação se manifesta na palavra cosmogônica singular, presente em ambas as tradições, capaz de convocar a existência a partir do vazio e conferir forma ao cosmos. No entanto, a distinção fundamental se encontra na natureza teológica do processo criativo: Elohim age em consonância trinitária, enquanto Olódùmarè atua de forma independente, criando o cosmo sem consultar outras divindades.

Ao observar Odùduwà em paralelo a Elohim, há uma similaridade no papel fundamental na criação do cosmos. Ambos representam pontos de origem e força motriz

para o processo criativo, embora suas intervenções sejam distintas. Elohim, responsável pela totalidade do processo, contrasta com Odùduwà, que desempenha um papel específico na gênese do substrato terrestre, demonstrando uma intervenção mais tangível e física.

Essa análise ressalta a riqueza das narrativas mitológicas, oferecendo uma compreensão mais profunda das abordagens de criação do cosmos nas tradições bíblica e Yorùbá. Destaca-se a essência compartilhada e as nuances distintas, enriquecendo a compreensão da diversidade na concepção da gênese cósmica ao longo das diferentes perspectivas religiosas e culturais.

2.4.2 A Criação do ser humano

2.4.2.1 Elohim e Ọbàtálá

a) Aproximação

Imanência: Tanto Elohim quanto Ọbàtálá demonstram imanência divina na criação do homem, ao moldá-lo com suas próprias mãos. Isso ressalta a opinião de que o Divino está intrinsecamente envolvido na criação, presente na matéria e na vida humana.

Abordagem à Criação do Homem e da Mulher: O Gênesis apresenta a criação do homem e, posteriormente, da mulher, enquanto na mitologia Yorùbá, a criação de seres humanos não é restrita a um único casal inicial. A cosmogonia Yorùbá sugere uma criação contínua e multifacetada da humanidade.

Dualidade e Complementaridade: Na análise das duas narrativas sobre a criação do ser humano, percebe-se uma concepção subjacente de dualidade e complementaridade intrínseca ao processo criativo. No contexto do Gênesis, Elohim cria Adão e Eva, simbolizando uma dualidade de gênero, ou seja, uma complementaridade entre masculino

e feminino. Da mesma forma, na narrativa Yorùbá, essa dualidade é evidente, denotando um equilíbrio e uma complementaridade essenciais no ato criativo.

Responsabilidade pela Criação: Tanto na narrativa bíblica quanto na Yorùbá, a criação do ser humano traz consigo a responsabilidade moral e ética. Elohim confia na humanidade a responsabilidade de dominar e cuidar da Terra, refletindo um chamado à prefeitura responsável. De maneira semelhante, Ọbàtálá, ao criar os seres humanos, espera que cumpram uma função ética e moral na comunidade, sublinhando a responsabilidade divinamente atribuída.

b) Distinção

Ética e Moralidade: Embora ambas as tradições valorizem a ética e a moralidade, os códigos éticos e morais podem variar em detalhes e enfoques, refletindo as distintas tradições culturais e contextos religiosos das duas comunidades.

Cosmologia e hierarquia divina: Elohim é concebido como a divindade suprema na cosmologia judaica, detentor de uma posição hierárquica superior a todas as outras entidades divinas. A cosmologia judaica se caracteriza por uma visão de criação ex nihilo, na qual Deus é reconhecido como o criador primordial de toda a existência. Nessa concepção, o universo e tudo o que contém são trazidos à existência pela vontade divina, sem a necessidade de matéria pré-existente ou coentidade criadora. Deus é percebido como o agente primordial e onipotente, responsável pela gênese e pela configuração do universo e da humanidade.

Por outro lado, na cosmologia Yorùbá, Ọbàtálá é uma figura divina de grande influência, mas ele integra um panteão de Ọrìṣà, cada um com sua própria esfera de atuação e domínio. A cosmovisão Yorùbá diverge da perspectiva judaica ao contemplar uma criação originada de uma substância ou realidade preexistente. Além disso, a evolução e o desdobramento do cosmos e da humanidade na tradição Yorùbá não são atribuídos a uma única divindade suprema. Em vez disso, a mitologia Yorùbá reconhece

uma rede interconectada de divindades, cada uma contribuindo para a complexidade e a ordem cósmica.

c) Forças de mediação

Elohim: Dabar, Barro, Ruah

Olódùmarè: Barro, Sopro de Olódùmarè

A comparação entre as divindades criadoras Elohim e Ọbàtálá revela convergências e divergências marcantes na criação da humanidade. Ambos demonstram imanência divina ao moldar o ser humano, enfatizando o envolvimento direto do divino na materialização da vida humana.

A aproximação entre Elohim e Ọbàtálá é evidente na concepção de dualidade e complementaridade na criação do ser humano. O Gênesis apresenta Adão e Eva, enquanto a mitologia Yorùbá sugere uma criação multifacetada, refletindo a dualidade e complementaridade intrínseca ao processo criativo.

Tanto na tradição judaica quanto na Yorùbá, a criação humana carrega consigo a responsabilidade ética e moral. Elohim confia à humanidade o cuidado e a prefeitura da Terra, similarmente a Ọbàtálá que espera uma função ética e moral na comunidade.

Entretanto, as distinções são notáveis nas éticas e moralidades específicas de cada tradição, refletindo suas respectivas culturas e contextos religiosos. Além disso, Elohim é concebido como a divindade suprema, criador primordial, enquanto Ọbàtálá faz parte de um panteão de Òrìṣà, inserido em uma cosmologia que reconhece uma pluralidade de entidades contribuindo para a ordem cósmica.

A presente análise apontou a complexidade das visões sobre a criação do ser humano, enriquecendo a compreensão das distintas tradições religiosas e culturais, e destacando as convergências e divergências fundamentais na concepção da gênese humana.

CAPÍTULO 3: DIÁLOGO ENTRE A NARRATIVA BÍBLICA E YORUBANA, QUANTO À CRIAÇÃO

A presente dissertação teve como desiderato primordial a análise meticulosa e especificação comparativa das tríades iorubanas, a saber: Olódùmarè, Odùduwà e Ọ̀bàtálá, e bíblica: Elohim, Palavra e Espírito. O escopo analítico centrou-se nos atributos de Criação, visando discernir elementos de convergência e distinção entre a tríade bíblica e a tríade iorubana. De maneira concomitante, os objetivos específicos concentraram-se na análise detalhada dos atributos cosmogônicos inerentes a cada divindade dessas tríades, assim como na exploração dos elementos simbólicos que as caracterizam. Adicionalmente, buscou-se promover o diálogo intertradicional entre a tradição bíblica e iorubana, notadamente no âmbito da criação.

Aprofundando a investigação dos elementos simbólicos que encapsulam a essência dessas divindades, este estudo visou estabelecer um diálogo inter-religioso entre ambas as tradições, com o desiderato de mitigar a ignorância e o preconceito acadêmico em ambientes científico-acadêmicos em relação às religiões africanas ou de matriz africana.

Na sequência da análise dos atributos dessas divindades, evidenciaram-se elementos de proximidade, tal como a autonomia observada tanto na divindade suprema bíblica, Elohim, quanto na divindade Yorùbá, Olódùmarè, no ato da criação. Diante dessas constatações, o presente capítulo se dedicará a fomentar o diálogo entre ambas as tradições, visando não apenas a valorização e o reconhecimento das tradições africanas e afro-brasileiras, mas também combater no racismo acadêmico no que concerne a essas tradições, bem como a promoção da aplicação desses saberes nos campos acadêmico, cultural e ecológico-ambiental.

3.1 Valorizar e Reconhecer as Tradições Africanas:

Na contemporaneidade, torna-se incontestável a necessidade premente de conferir uma valoração e reconhecimento substancial às tradições africanas, sobretudo no cenário acadêmico-científico do Brasil. Esta imperativa chamada à reflexão fundamenta-se na observação de que, no domínio educacional, o saber, cultura e tradição proveniente da

África ainda é sistemática e injustamente colocado à margem, sujeito a um processo de escanteamento, deturpação e racismo, conforme agudamente delineado por Abdias do Nascimento:

O sistema educacional é usado como aparelhamento de controle nesta estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis do ensino brasileiro - elementar, secundário, universitário - o elenco das matérias ensinadas, como se se executasse o que havia predito a frase de Sílvio Romero, constitui um ritual da formalidade e da ostentação da Europa, e, mais recentemente, dos Estados Unidos. Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana. Parte inalienável da consciência brasileira? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? Quando há alguma referência ao africano ou negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra. Tampouco na universalidade da Universidade brasileira o mundo negro-africano tem acesso. O modelo europeu ou norte-americano se repete, e as populações afro-brasileiras são tangidas para longe do chão universitário como gado leproso. Falar em identidade negra numa universidade do país é o mesmo que provocar todas as iras do inferno, e constitui um difícil desafio aos raros universitários afro-brasileiros" (NASCIMENTO, 2016, p.96).

Abdias do Nascimento, de forma incisiva, expõe a problemática da sub-representação e exclusão da cultura africana no âmbito do sistema educacional brasileiro. O autor ressalta que esse sistema atua como um dispositivo de controle, perpetuando a discriminação cultural ao adotar, predominantemente, paradigmas eurocêntricos e, mais recentemente, norte-americanos. Tal sub-representação e exclusão da cultura e tradição do outro, será nominada por Boaventura de Sousa Santos como *epistemicídio*⁶, posteriormente, tal epistemicídio africano, será nomeado por Aparecida Sueli Carneiro Jacoel como epistemicídio negro, termo que será delineado da seguinte forma:

⁶ O epistemicídio é o processo político-cultural pelo qual o conhecimento produzido por grupos sociais subordinados é morto ou destruído, como um meio de manter ou aprofundar essa subordinação. Historicamente, o genocídio tem sido frequentemente associado ao epistemicídio. Por exemplo, durante a expansão europeia, o epistemicídio (destruição do conhecimento indígena) foi necessário para 'justificar' o genocídio do qual os indígenas foram vítimas. (Santos 1998, p. 208)

O epistemicídio negro é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento considerado legítimo ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado, sequestrando a própria capacidade de aprender. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que, em outros casos, lhe é imposta" (CARNEIRO, 2005, p.97).

Mogobe Ramose o define como “o assassinato das maneiras de conhecer e agir dos povos africanos conquistados” (RAMOSE, 2011, p.6).

A crítica de Nascimento abrange todas as camadas do ensino, desde o fundamental até o universitário, evidenciando a notável ausência da história da África e o desenvolvimento de suas culturas nos conteúdos programáticos. O autor enfatiza que, quando ocorrem referências ao africano ou negro, estas muitas vezes se dão de maneira alienante, contribuindo para o afastamento da identidade negra.

A alusão à "memória africana" e sua ausência na consciência brasileira destaca a urgência do reconhecimento e da incorporação da diversidade cultural na construção da identidade nacional. A crítica associada ao acesso restrito das populações afro-brasileiras à universidade enfatiza a persistência na reprodução de modelos excludentes, ressaltando a imperatividade de uma abordagem inclusiva e representativa no contexto do sistema educacional do país.

Em resumo, as assertivas de Abdias do Nascimento constituem um apelo profundo à reflexão sobre a importância de integrar a história e a cultura africanas nos currículos educacionais. Reconhecer a riqueza intrínseca à diversidade étnica e cultural não só enriquece a compreensão do tecido social brasileiro, mas também impulsiona efetivamente a inclusão e a promoção da igualdade no sistema educacional.

O reconhecimento e a valorização das tradições africanas constituem um campo essencial para a compreensão da diversidade cultural e histórica que molda sociedades contemporâneas, especialmente em países com forte herança africana, como o Brasil. Este trabalho se debruça sobre a tradição Yorubana, conforme analisada por diversos estudiosos, e sua influência direta no Candomblé brasileiro, um dos mais expressivos legados africanos no Brasil, para ilustrar a importância de preservar e honrar essas tradições.

A tradição Yorubana, originária da região que hoje compreende a Nigéria, Benin e partes do Togo, é rica em mitologias, práticas religiosas, sistemas de escrita, artes e filosofias de vida. Segundo Abímbólá:

Os Yorùbá possuem um complexo sistema religioso, centrado no culto aos Òrìṣà (divindades), que desempenham um papel central na mediação entre o mundo espiritual e o físico. Essas práticas e crenças foram transportadas para o Brasil através do tráfico transatlântico de escravizados, enraizando-se profundamente na formação cultural brasileira. (ABÍMBÓLÁ, 1975, n.p.)

No Brasil, a manifestação mais evidente da persistência dessas tradições é encontrada no Candomblé, uma religião afro-brasileira que reverencia os mesmos Òrìṣà adorados pelos Yorùbá. O Candomblé não é apenas uma reprodução das práticas religiosas africanas, mas “uma reinterpretação delas no contexto brasileiro, incorporando elementos das culturas indígena e europeia” (PRANDI, 2001,) isso ilustra a capacidade das tradições africanas de se adaptarem e se transformarem, ao mesmo tempo, em que mantêm seus aspectos fundamentais intactos.

A valorização dessas tradições vai além do aspecto religioso; ela é fundamental para o reconhecimento da contribuição africana na formação da identidade cultural brasileira. Como argumenta Hall, “as identidades culturais são formadas e transformadas no cruzamento entre história, cultura e poder” (HALL, 1990, p.226). Nesse sentido, valorizar as tradições africanas é também reconhecer a resistência e a resiliência de povos africanos e afrodescendentes diante das adversidades históricas, como o colonialismo e a escravidão.

Além disso, a preservação dessas tradições é crucial para a luta contra o racismo e a discriminação. Santos ressalta que “o reconhecimento das culturas africanas e afro-brasileiras contribui para a descolonização do saber e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária” (SANTOS, 2005, n.p). Isso implica não apenas na valorização

das práticas culturais e religiosas, mas também no reconhecimento da importância dos saberes africanos nas áreas da filosofia, medicina, arte, entre outras.

Em conclusão, valorizar e reconhecer as tradições africanas, como a tradição Yorubana e sua expressão no Candomblé brasileiro, é essencial para compreender a riqueza e a complexidade da herança cultural africana. Essa valorização contribui para o fortalecimento da identidade cultural de afrodescendentes e para a construção de uma sociedade mais inclusiva e diversificada. É fundamental que essa valorização seja acompanhada de esforços contínuos para combater o racismo e promover a igualdade racial, garantindo que as contribuições africanas à cultura mundial sejam reconhecidas, celebradas e incutidas em nossa sociedade.

3.2 Valor para a cultura, cidadania e ecologia

No tópico anterior, enfatizamos a incontestável necessidade de conferir valorização e reconhecimento substanciais às tradições africanas, especialmente no ambiente acadêmico-científico do Brasil. Este reconhecimento não se limita a um gesto de justiça histórica; ele é fundamental para a construção de uma sociedade que valoriza a diversidade, promove a inclusão e se compromete com a sustentabilidade. Avançamos agora para explorar o significado profundo da tradição africana, particularmente a yorubana, nas esferas da cultura, cidadania e ecologia, reconhecendo que essas tradições oferecem contribuições valiosas para o pensamento e a prática contemporâneos.

A cultura yorubana, com suas ricas tradições filosóficas, religiosas e artísticas, oferece percepções profundas sobre a condição humana, a organização social e a interação com o mundo natural. Através do diálogo com autores brasileiros que se debruçam sobre o pensamento africano contemporâneo, como Muniz Sodré e Leda Maria Martins, podemos apreciar como as tradições yorubanas informam e enriquecem o debate cultural no Brasil. Estes autores nos ajudam a entender as dinâmicas de resistência, adaptação e renovação cultural fundamentais para a diáspora africana. Além disso, é crucial reconhecer a contribuição de pensadores africanos contemporâneos, como Akinwumi Ogundiran, Toyin Falola e Wande, cujas obras exploram desde a arqueologia e história até a religião e filosofia yorubana. Eles oferecem uma perspectiva essencial

sobre como as tradições yorubanas contribuem para áreas como a ética, a governança, a ecologia e o desenvolvimento sustentável.

No contexto da cidadania, a valorização das tradições africanas é um passo vital para desafiar o legado persistente do racismo e da colonialidade. Ao integrar plenamente essas tradições na narrativa nacional, promovemos uma concepção de cidadania que abraça plenamente a diversidade cultural como um pilar da identidade nacional. Isso exige um comprometimento com o enfrentamento das estruturas de exclusão e discriminação, assegurando que todos os cidadãos tenham direitos iguais e oportunidades para participar na vida cultural, política e econômica do país. A valorização das fontes ancestrais africanas não apenas enriquece o tecido social brasileiro, mas também fortalece os laços de pertencimento e identidade entre os descendentes africanos no Brasil.

No âmbito da ecologia, as práticas e cosmovisões das tradições Yorubanas e outras religiões de matriz africana apresentam uma abordagem holística e integrada do cuidado ambiental. Estas tradições enfatizam o respeito pela Criação, reconhecendo a interconexão entre todos os seres vivos e o ambiente. A partir dessa perspectiva, podemos extrair princípios e virtudes ecológicas fundamentais para o enfrentamento das crises ambientais contemporâneas. Essas tradições nos convidam a reconsiderar nossas relações com o mundo natural, promovendo práticas sustentáveis e um compromisso mais profundo com a conservação ambiental. Além disso, elas oferecem possibilidades valiosas para o engajamento inter-religioso em questões ambientais, demonstrando como diferentes tradições espirituais podem colaborar na promoção de um futuro mais sustentável.

Nos próximos tópicos, nos dedicaremos a abordar minuciosamente esses pontos, explorando como o reconhecimento das tradições africanas enriquece nossa compreensão da cultura, fortalece a cidadania e contribui para uma abordagem mais sustentável e integrada da ecologia. Essa jornada de descoberta não apenas ilumina aspectos importantes do patrimônio cultural africano, mas também destaca seu papel vital na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e sustentável.

3.2.1. Conhecer o pensamento yorubano contemporâneo:

Conhecer e estudar o pensamento yorubano contemporâneo é urgente e requer uma abordagem multidisciplinar que engloba a contribuição de autores tanto brasileiros quanto africanos, cada um oferecendo perspectivas únicas que enriquecem nossa

compreensão das tradições yorubanas e sua aplicabilidade em contextos contemporâneos. Este tópico visa apreciar os autores e suas principais obras, bem como suas contribuições e impacto no campo antropológico, histórico, teológico, etc.

Entre os autores brasileiros dedicados ao estudo do pensamento e tradições yorubanas, podemos destacar:

José Beniste: José Beniste, em "Mitos Yorubás: O outro lado do conhecimento", oferece uma janela para o universo mítico yorubano, apresentando uma coleção de lendas que desvendam aspectos fundamentais da religiosidade e da filosofia yorubana. Esta obra é fruto de um meticuloso trabalho de pesquisa e dedicação ao estudo da cultura religiosa afro-brasileira, consolidando Beniste como uma autoridade no assunto. As narrativas selecionadas por Beniste não apenas contam histórias fascinantes sobre os orixás e o mundo espiritual yorubano, mas também são acompanhadas de notas explicativas que enriquecem a compreensão do leitor sobre o contexto e o significado dessas lendas.

A abordagem de Beniste é particularmente valiosa por sua capacidade de conectar o leitor com o "outro lado do conhecimento", ou seja, uma compreensão profunda que transcende o conhecimento superficial sobre os mitos yorubanos, oferecendo visões sobre a sabedoria, os valores e a visão de mundo dessa cultura. "Mitos Yorubás" não é apenas uma coleção de histórias; é um convite para explorar a complexidade do pensamento yorubano, suas noções de moralidade, justiça, e a interconexão entre o ser humano e o divino.

Esta obra é essencial para estudiosos da religião afro-brasileira, praticantes do Candomblé, e qualquer pessoa interessada em aprofundar seu entendimento sobre as tradições yorubanas. Através de sua escrita fluente e acessível, Beniste consegue transmitir a riqueza do universo mítico yorubano, tornando "Mitos Yorubás: O outro lado do conhecimento" uma leitura obrigatória para aqueles que buscam compreender as raízes profundas e os ensinamentos contidos nas histórias dos orixás.

Reginaldo Prandi: "Mitologia dos Orixás", de Reginaldo Prandi, é uma obra monumental que se destaca como a mais completa coleção de mitos da religião dos orixás já reunida. Este trabalho do sociólogo Prandi apresenta 301 relatos mitológicos, oferecendo um panorama abrangente sobre as divindades que compõem o panteão yorubano. As histórias narradas no livro revelam, por meio de imagens concretas e não

apenas ideias abstratas, as características, ações, desejos e promessas dos orixás, proporcionando uma compreensão profunda da religiosidade e da cosmovisão yorubana.

A importância desta obra reside não apenas na sua abrangência, mas também na habilidade de Prandi em tornar acessíveis os complexos mitos yorubanos. Ao fazê-lo, "Mitologia dos Orixás" serve como uma ponte entre o mundo acadêmico e o público geral interessado em compreender melhor as tradições afro-brasileiras. Além disso, o livro contribui significativamente para a preservação e valorização do patrimônio cultural africano no Brasil, destacando a riqueza e a profundidade da mitologia yorubana.

Reginaldo Prandi conseguiu, com esta obra, aproximar os leitores dos significados vitais profundos que residem no coração da religião dos orixás, chamando atenção para o vasto patrimônio cultural dos povos africanos. "Mitologia dos Orixás" é essencial tanto para estudiosos da religião e da cultura afro-brasileira quanto para praticantes do Candomblé e outras religiões de matriz africana que buscam um entendimento mais aprofundado sobre os orixás que veneram.

Volney José Berkenbrock: Volney José Berkenbrock, em sua obra "Experiência dos Orixás: Um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé", realiza um exame profundo e esclarecedor da vivência religiosa dentro desta tradição afro-brasileira. Berkenbrock não apenas descreve as práticas e crenças fundamentais do Candomblé, mas também se aprofunda na experiência pessoal dos seus praticantes, explorando como eles interagem com o sagrado através dos orixás. Este estudo é particularmente notável por sua abordagem antropológica e teológica, oferecendo uma compreensão rica da cosmovisão que subjaz ao Candomblé, as ideias de divindade presentes na religião, e o significado profundo das práticas religiosas para seus adeptos.

Mediante uma metodologia rigorosa, Berkenbrock capta a essência da experiência religiosa no Candomblé, destacando a relação íntima entre os praticantes e os orixás, vistos não apenas como divindades, mas como parte integral da vida cotidiana dos fiéis. O autor examina como essa relação influencia a percepção de mundo dos praticantes, suas ações e seu bem-estar, revelando a profundidade e a complexidade da fé dentro desta tradição religiosa.

"Experiência dos Orixás" é uma contribuição valiosa para o estudo da religião no Brasil, oferecendo percepções importantes sobre como as tradições afro-brasileiras se manifestam no contexto contemporâneo. A obra de Berkenbrock é essencial para acadêmicos, estudantes e qualquer pessoa interessada em entender a dinâmica da

experiência religiosa no Candomblé, proporcionando uma janela para a rica tapeçaria espiritual que define esta prática religiosa.

Este trabalho é reconhecido por sua abordagem empática e respeitosa em relação ao Candomblé e seus praticantes, destacando-se como um estudo seminal que contribui significativamente para a antropologia da religião e para o diálogo inter-religioso no Brasil. Ao iluminar as experiências vividas pelos adeptos do Candomblé, Berkenbrock nos convida a reconhecer a diversidade e a riqueza das expressões religiosas no país, promovendo uma maior compreensão e respeito pelas tradições afro-brasileiras.

No contexto africano, podemos destacar os respectivos autores:

Akinwumi Ogundiran: "The Yorùbá: A New History" é uma obra revolucionária de Akinwumi Ogundiran que se destaca por ser o primeiro estudo transdisciplinar sobre a jornada de dois mil anos do povo Yorùbá. Desde suas origens em um pequeno recanto da confluência dos rios Niger-Benue na Nigéria contemporânea até se tornarem um dos grupos culturais mais populosos no continente africano, Ogundiran apresenta uma análise profunda e abrangente. O livro, estruturado em dez capítulos organizados em cinco partes, ilustra o nascimento, a formação e as experiências da comunidade Yorùbá, cobrindo o período de 300 a.C. até 1840 d.C.

Esta obra é notável não apenas pela sua profundidade histórica, mas também pela abordagem inovadora que adota, combinando métodos da arqueologia, linguística, história oral, e estudos culturais para reconstruir a história Yorùbá. Ogundiran desafia narrativas anteriores e fornece novas interpretações sobre os processos sociais, políticos e culturais que moldaram a identidade Yorùbá ao longo dos séculos.

"The Yorùbá: A New History" é uma contribuição significativa para os estudos africanos e representa um recurso indispensável para acadêmicos, estudantes e qualquer pessoa interessada na rica tapeçaria da história africana. Através desta obra, Ogundiran não apenas enriquece nosso entendimento do passado Yorùbá, mas também destaca a importância de abordagens transdisciplinares na escrita da história, promovendo uma compreensão mais matizada e integrada das sociedades africanas.

Kólá Abimbólá: "Yorùbá Culture: A Philosophical Account", de Kólá Abimbólá, é uma obra seminal que oferece uma análise profunda e teórica da filosofia e das práticas religiosas Yorùbá. Neste livro, Abimbólá desvenda a complexidade da cultura Yorùbá,

explorando a natureza, os papéis e as funções de suas crenças em sociedades contemporâneas. Por meio de uma abordagem filosófica, o autor ilumina os fundamentos teológicos e filosóficos da religião Òrìṣà, proporcionando percepções valiosas sobre como esses princípios influenciam a vida cotidiana dos Yorùbá e sua percepção do mundo.

Abimbólá argumenta que a filosofia Yorùbá oferece uma visão de mundo rica e complexa, que engloba uma compreensão profunda da existência humana, da moralidade, da justiça e da ordem social. Ele examina como a teologia e a filosofia dos Òrìṣà fornecem um quadro para entender as relações interpessoais, a ética e o papel do indivíduo dentro da comunidade.

Este trabalho é não apenas uma contribuição importante para os estudos africanos e a filosofia comparada, mas também um recurso essencial para qualquer pessoa interessada em compreender a riqueza e a profundidade da cultura Yorùbá. "Yorùbá Culture: A Philosophical Account" destaca-se como um guia indispensável para explorar os aspectos teológicos e filosóficos dessa tradição cultural, enfatizando seu valor e relevância no contexto global contemporâneo.

Toyin Falola: "Encyclopedia of the Yorùbá", organizada por Toyin Falola e Akintunde Akinyemi, é uma obra de referência sem precedentes que apresenta uma visão complexa e detalhada sobre os Yorùbá, um dos grupos étnicos dominantes da África Ocidental. Este volume único oferece 759 páginas de conteúdo rico, composto por 285 entradas de ensaios curtos escritos por 188 autores, que são em sua maioria acadêmicos e pesquisadores. A enciclopédia abrange uma ampla gama de tópicos relacionados à história, cultura, religião, arte, economia e diáspora Yorùbá, fornecendo uma fonte de informação abrangente e inestimável tanto para estudiosos quanto para o público interessado na cultura Yorùbá.

Toyin Falola, renomado historiador e professor na Universidade do Texas em Austin, juntamente com Akintunde Akinyemi, professor no Departamento de Línguas e Literaturas Africanas, compilaram esta obra visando documentar e celebrar a rica herança dos Yorùbá. A enciclopédia destaca a importância dos Yorùbá no contexto global, apontando para a significativa presença dessa etnia não apenas na Nigéria, mas também nos Estados Unidos, Europa e Brasil.

A "Encyclopedia of the Yorùbá" é elogiada por sua apresentação detalhada que não apenas educa os leitores sobre os aspectos variados da vida Yorùbá, mas também

promove uma maior compreensão e apreciação da diversidade cultural africana. Esta obra serve como um recurso valioso para qualquer pessoa interessada em aprofundar seu conhecimento sobre os Yorùbá, oferecendo percepções profundos sobre suas tradições, crenças e contribuições para a sociedade global.

Em resumo, a incursão no pensamento yorubano contemporâneo, guiada pela minuciosa análise das contribuições de autores brasileiros, a exemplo de José Beniste, Volney José Berkenbrock e Reginaldo Prandi, e dos pensadores africanos contemporâneos, como Akinwumi Ogundiran, Toyin Falola e Wande Abimbólá, emerge como uma empreitada de importância crucial. Este estudo multidisciplinar não apenas proporciona uma compreensão mais aprofundada e abrangente das tradições yorubanas, ressaltando sua relevância nos contextos contemporâneos, mas também tecesse uma tapeçaria intrincada do pensamento yorubano.

Ao integrar as perspectivas de estudiosos provenientes de diferentes contextos culturais, a abordagem adotada não só enriquece o entendimento acadêmico, mas também fomenta uma apreciação mais profunda da diversidade cultural yorubana. Mais do que uma mera investigação intelectual, este estudo se configura como um convite para uma jornada enriquecedora, capaz de expandir os horizontes culturais e promover uma compreensão holística da rica herança yorubana. Ao transcender barreiras temporais e geográficas, a pesquisa destaca a vitalidade e a relevância contínua das tradições yorubanas, oferecendo percepções valiosas para a compreensão e apreciação das complexidades culturais e filosóficas desse rico legado.

3.2.2. Valorizar as fontes ancestrais em superação do racismo e da Colonialidade

A valorização das fontes ancestrais constitui um eixo fundamental na superação do racismo e da colonialidade, representando um passo decisivo na afirmação da cidadania e na dignificação dos sujeitos historicamente marginalizados. Este subtópico se propõe a explorar como a reverência e o resgate das tradições ancestrais podem contribuir para esse processo.

A Lei Federal 10.639/2003 no Brasil, modificada pela Lei 11.645/2008, que estabelece a inclusão da história e cultura afro-brasileira e indígena como temáticas

obrigatórias nos currículos escolares, é um exemplo concreto de políticas públicas voltadas para a valorização das fontes ancestrais como meio de superar o racismo. Essa legislação reflete um passo significativo na direção de reconhecer e integrar as contribuições históricas e culturais desses povos na construção da sociedade brasileira, promovendo uma educação mais inclusiva e representativa.

A valorização das fontes ancestrais não se limita apenas ao resgate de práticas culturais e tradições, mas também à reivindicação de epistemologias subalternizadas. Autores como Boaventura de Sousa Santos, com o conceito de "ecologia de saberes", propõem uma abordagem inclusiva ao conhecimento, reconhecendo a validade e a importância dos saberes não ocidentais. Este enfoque é crucial para superar a colonialidade do saber, uma das dimensões persistentes da colonialidade que marginaliza conhecimentos que não se alinham com os paradigmas ocidentais.

O racismo, uma estrutura social enraizada que perpetua desigualdades e exclusões, enfrenta um desafio significativo na valorização das fontes ancestrais. Frantz Fanon, em sua obra seminal "Os Condenados da Terra", argumenta que “a descolonização é sempre um processo violento, pois envolve a desconstrução de uma ordem social que se sustenta na negação da humanidade do outro” (FANON, 2022, p.25). Nesse sentido, a valorização das fontes ancestrais atua como uma forma de resistência e afirmação da humanidade negra contra as narrativas racistas que buscam inferiorizar e apagar as contribuições históricas e culturais dos povos africanos e da diáspora.

Bell Hooks, em "Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade", enfatiza a importância da educação como um espaço de resistência e reconstrução identitária. Ela argumenta que “a educação antirracista deve incorporar e valorizar as histórias, culturas e saberes dos povos negros como parte essencial do currículo, contrapondo-se às práticas educacionais que reproduzem o racismo e a exclusão” (HOOKS, 2021, p.7-8).

A colonialidade, como um padrão de poder que perpetua as hierarquias estabelecidas durante o colonialismo, é desafiada pela decolonialidade⁷, que busca dismantellar essas estruturas através do resgate e valorização das epistemologias e práticas ancestrais.

⁷ A decolonialidade necessariamente decorre, deriva e responde à colonialidade e ao contínuo processo e condição colonial. É uma forma de luta e sobrevivência, uma resposta e prática epistêmica e baseada na existência - especialmente por sujeitos colonizados e racializados - contra a matriz de poder colonial em todas as suas dimensões, e em prol das possibilidades de um outro modo (WALSH, 2018, p.17)

A colonialidade refere-se à manutenção das estruturas de poder e dominação estabelecidas durante o colonialismo europeu, que persistem mesmo após a independência política dos países colonizados. Segundo Aníbal Quijano (2005), em "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina", analisa como a colonialidade permeia aspectos econômicos, políticos, sociais e epistêmicos da sociedade. A superação da colonialidade exige um questionamento crítico dessas estruturas e a valorização das epistemologias e práticas sociais dos povos subalternizados.

Walter D. Mignolo (2003), em "Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar", destaca a importância dos saberes locais e da perspectiva decolonial como ferramentas para dismantlar as estruturas de poder colonial. Ele propõe a ideia de "pensamento de fronteira" como uma forma de pensar e agir que transcende as dicotomias impostas pela colonialidade, valorizando as múltiplas formas de ser e conhecer.

A cidadania plena implica não apenas o acesso a direitos civis, políticos e sociais, mas também o reconhecimento da diversidade cultural como componente essencial da identidade nacional. No entanto, tal cidadania plena dos sujeitos historicamente marginalizados passa necessariamente pela afirmação de suas heranças culturais e históricas. Ailton Krenak, em "Ideias para Adiar o Fim do Mundo" (2019), reflete sobre a importância de reconhecermos as diversas formas de existência e resistência que os povos indígenas e negros têm desenvolvido frente aos projetos de extermínio e assimilação. Para Krenak, afirmar a cidadania desses sujeitos implica reconhecer suas contribuições únicas para a construção de um mundo mais plural e justo.

A superação do racismo e da colonialidade é um processo complexo e multifacetado que demanda uma reavaliação profunda das estruturas sociais, culturais e epistemológicas que as sustentam. A valorização das fontes ancestrais se apresenta como uma estratégia vital nesse processo, não apenas por reconhecer a riqueza e a diversidade das tradições marginalizadas, mas também por reafirmar a cidadania e a humanidade dos sujeitos que as vivem. Este caminho requer um esforço coletivo para reimaginar e reconstruir nossas sociedades de maneira inclusiva e equitativa, onde todas as vozes sejam ouvidas e todos os saberes valorizados.

3.2.3. Contribuir ao respeito pela Criação com virtudes ecológicas

Contribuir ao respeito pela Criação com virtudes ecológicas é uma abordagem que ganha cada vez mais relevância no contexto atual de crise ambiental global. Este enfoque não apenas reconhece a importância intrínseca da natureza, mas também propõe uma interação mais harmoniosa e respeitosa entre os seres humanos e o meio ambiente. Este subtópico visa explorar os campos de aplicabilidade em campo ecológico-ambiental, destacar virtudes ecológicas específicas, abordar o cuidado ambiental e discutir as possibilidades de engajamento Inter-religioso nas religiões de matriz africana, evidenciando seu valor para a ecologia. Para isso, teremos com referencial documentos do magistério católico, como a declaração "Nostra Aetate" e a encíclica "Fratelli Tutti", juntamente com contribuições teológicas e antropológicas de figuras como Paul Tillich, Homi Bhabha e Boaventura de Souza Santos.

A Declaração "Nostra Aetate", promulgada durante o Concílio Vaticano II em 28 de outubro de 1965, é um documento seminal que marca um ponto de virada na maneira como a Igreja Católica se relaciona com as religiões não cristãs. Este documento reconhece a importância do diálogo inter-religioso como meio de promover a compreensão e o respeito mútuos entre diferentes tradições religiosas, enfatizando a unidade fundamental da humanidade. No texto da "Nostra Aetate", encontramos afirmações poderosas que reiteram seu compromisso com o diálogo e a compreensão inter-religiosos. Logo no início, o documento declara: "Hoje, que o gênero humano se torna cada vez mais unido, e aumentam as relações entre os vários povos, a Igreja considera mais atentamente qual a sua relação com as religiões não-cristãs."(n.1). Esta afirmação sublinha a relevância do diálogo inter-religioso em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado.

A "Nostra Aetate" prossegue, destacando aspectos comuns entre diferentes tradições religiosas e o respeito pelas diferenças:

A Igreja católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, refletem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens. (n.2).

Este trecho evidencia a abertura da Igreja para reconhecer a verdade e a santidade presentes em outras religiões, promovendo uma atitude de respeito e valorização das diversas tradições espirituais. Além disso, a declaração enfatiza a importância da colaboração entre seguidores de diferentes religiões para promover a paz e a justiça no mundo, exortando seus filhos a que:

Com prudência e caridade, pelo diálogo e colaboração com os sequazes doutras religiões, dando testemunho da vida e fé cristãs, reconheçam, conservem e promovam os bens espirituais e morais e os valores sócio culturais que entre eles se encontram. (n.2).

Esta orientação encoraja os católicos a se engajarem ativamente no diálogo inter-religioso, não apenas como um meio de entendimento mútuo, mas também como uma forma de trabalhar juntos por um mundo mais justo e pacífico.

Portanto, a "Nostra Aetate" representa um documento fundamental que estabelece as bases para o diálogo inter-religioso na Igreja Católica, reconhecendo a diversidade religiosa como uma oportunidade para o enriquecimento mútuo e a promoção da paz global. Ao enfatizar o respeito pelas outras tradições religiosas e a busca por valores comuns, este documento convida todos os fiéis a participarem de um diálogo aberto e construtivo, essencial para enfrentar os desafios contemporâneos em um espírito de fraternidade e cooperação.

A Encíclica "Fratelli Tutti" do Papa Francisco, publicada em 3 de outubro de 2020, é um chamado à fraternidade e à amizade social como meios para construir um mundo mais justo e pacífico. Este documento, inspirado no exemplo de São Francisco de Assis, destaca a importância do amor que ultrapassa as barreiras geográficas e culturais, promovendo uma universalidade que reconhece cada pessoa como um irmão ou irmã.

No início da encíclica, o Papa Francisco cita São Francisco de Assis:

Escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com sabor a Evangelho. Destes conselhos, quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; nele declara feliz quem ama o outro. (n.1).

Este trecho ressalta a visão de um amor inclusivo e abrangente, que serve como fundamento para a visão do Papa Francisco de uma fraternidade universal. Francisco ainda exorta a igreja a fim de que, assim como São Francisco de Assis, tenham um “coração sem fronteiras, capaz de superar as distâncias de proveniência, nacionalidade, cor ou

religião” (n.3). A partir das exortações da "Fratelli Tutti", fica nítida sua concomitância com a "Nostra Aetate", pois ambos os documentos refletem um chamado para uma Igreja que tenha um coração sem fronteiras, capaz de superar as distâncias e diferenças de proveniência, nacionalidade, cor ou religião. Eles convidam os fiéis e todas as pessoas de boa vontade a promoverem uma cultura de encontro, diálogo e cooperação, reconhecendo que todos somos irmãos e irmãs em uma família humana global.

Além disso, ambos os documentos sublinham a necessidade de uma Igreja dialogal e inter-religiosa. Eles apontam para a importância do diálogo como meio de compreensão e colaboração entre diferentes tradições religiosas, enfatizando que o diálogo inter-religioso é essencial para a promoção da paz mundial e o entendimento mútuo. A "Nostra Aetate", por exemplo, foi pioneira ao abrir novos caminhos para o diálogo com outras religiões, reconhecendo a verdade e a santidade presentes em outras tradições religiosas. Ela explicitamente chama a Igreja e seus membros para se engajarem em diálogos respeitosos com pessoas de outras religiões, visando a compreensão mútua e a cooperação para o bem comum. Da mesma forma, "Fratelli Tutti" reitera essa mensagem ao enfatizar a importância da fraternidade e da amizade social que transcendem as fronteiras religiosas. O Papa Francisco encoraja todos a cultivarem um coração aberto, capaz de reconhecer o valor de cada pessoa, independentemente de sua fé ou origem. Ele apela por uma cultura de encontro que possa superar preconceitos e indiferenças, promovendo uma verdadeira solidariedade global.

Portanto, "Fratelli Tutti" e "Nostra Aetate" são manifestações do desejo da Igreja Católica de ser uma comunidade acolhedora e inclusiva, comprometida com o diálogo inter-religioso e a construção de pontes entre diferentes povos e culturas. Através desses documentos, a Igreja reafirma seu compromisso com uma missão de amor universal que busca superar todas as formas de divisão e exclusão, inspirando uma nova era de cooperação e entendimento entre todas as pessoas.

Paul Tillich, em sua "Teologia Sistemática", oferece uma abordagem interdisciplinar e profunda à compreensão da fé e do divino, que tem implicações significativas para o diálogo inter-religioso e a abertura ao outro. Tillich propõe um método de correlação, no qual as questões existenciais humanas e as respostas fornecidas pela revelação cristã estão intrinsecamente ligadas, sugerindo uma teologia que responde diretamente às preocupações humanas universais.

Um dos conceitos centrais em Tillich é o de "Deus como o fundamento do Ser". Tillich argumenta que:

Deus é o ser-em-si, não um ser. Sobre esta base, pode se dar um primeiro passo no sentido de solucionar o problema da imanência e da transcendência de Deus. Como poder de ser, Deus transcende todo ser e também a totalidade dos seres - o mundo. O ser-em-si está além da finitude e da infinitude. Caso contrário, estaria condicionado por algo estranho a si mesmo, e o poder real de ser estaria além dele e daquilo que o condiciona. O ser-em-si transcende infinitamente todo ser finito. Não há proporção ou gradação entre o finito e o infinito. Existe uma ruptura absoluta, um "salto" infinito. Por outro lado, todo finito participa no ser-em-si e em sua infinitude. Caso contrário, não teria o poder de ser. Seria tragado pelo não-ser ou nunca teria emergido do não-ser. Esta relação dupla de todos os seres com o ser-em-si confere a este uma característica dupla. Ao chamá-lo de criador, apontamos para o fato de que tudo participa do poder infinito de ser. Ao chamá-lo de abismal, apontamos para o fato de que tudo participa do poder de ser de uma forma finita, que todos os seres são infinitamente transcendidos por seu fundamento criador. (TILLICH, 2014, p.243)

Paul Tillich delineia uma concepção complexa da divindade, caracterizando Deus como o ser-em-si, diferenciando-o substancialmente de meros entes. Tillich propõe que Deus transcenda tanto a finitude quanto a infinitude, destacando essa transcendência como crucial para abordar a problemática da imanência e transcendência divinas. A distinção crucial entre o ser-em-si e um mero ser é central na argumentação de Tillich. Deus é concebido não apenas como um ente, mas como o próprio ser-em-si, sugerindo que Deus transcende toda a existência finita, inclusive a totalidade do mundo. Tillich enfatiza a necessidade de reconhecer a disparidade infinita entre o ser-em-si e o ser finito, rejeitando qualquer concepção de proporção ou gradação entre o finito e o infinito. Em vez disso, propõe a existência de uma "ruptura absoluta" e um "salto" infinito nessa distinção ontológica.

A dualidade na relação entre todos os seres e o ser-em-si confere a Deus uma natureza dual: a de criador e a abismal. O termo "criador" aponta para a participação de todos os seres no poder infinito de ser de Deus, enquanto o termo "abismal" destaca que essa participação ocorre de maneira finita, com todos os seres sendo transcendidos infinitamente por esse fundamento criador.

Tillich, dessa forma, introduz uma reflexão profundamente intrincada sobre a natureza divina, incorporando elementos de transcendência, imanência, criação e uma relação intrincada entre o ser finito e o ser-em-si. Sua abordagem desafia as noções tradicionais e convida a uma reflexão mais profunda sobre a natureza divina, que transcende as categorias humanas de entendimento, o que implica que a relação com o divino é uma dimensão fundamental da existência humana, não limitada por concepções dogmáticas específicas.

Além disso, Tillich enfatiza a importância dos símbolos religiosos como meios pelos quais o divino é comunicado à experiência humana. Ele argumenta que os “símbolos religiosos não são sinais arbitrários. Eles participam, de alguma maneira, daquilo que representam” (TILLICH, 1985, p.31-35), e carregam tanto um aspecto de revelação quanto de ocultamento do divino, pois enquanto eles apontam para verdades últimas, também são limitados pela natureza humana e cultural em que emergem. Tillich, na tentativa de promover uma dialogicidade inter-religiosa e cultural, defende que a “religião é a substância da cultura, cultura é a forma da religião. Uma religião que carece de cultura é abstrata e sem vida; uma cultura que carece de religião é vazia e desorientada” (TILLICH, 1959, p.42). A partir dessa afirmativa, fica elucidada a inseparabilidade e a interdependência entre religião e cultura, apontando que uma não pode existir plenamente sem a outra, sugerindo uma correlação profunda entre diferentes tradições culturais e religiosas.

A teologia de Tillich, portanto, abre espaço para um diálogo genuíno entre diferentes tradições religiosas, ao reconhecer que a busca pelo significado último e pelo divino é uma jornada compartilhada pela humanidade. Ao focar no "Ser-em-si" e na natureza simbólica da revelação divina, Tillich propõe uma base sólida para o entendimento mútuo e a cooperação inter-religiosa, enfatizando a necessidade de uma abordagem aberta e inclusiva na teologia e na prática religiosa.

Homi Bhabha, em "O Local da Cultura"(1998), explora a intersecção entre cultura, identidade e poder, oferecendo uma perspectiva crítica sobre o diálogo intercultural. Bhabha destaca a importância das "terceiras espaços", áreas de interseção cultural onde novas identidades e formas de conhecimento podem emergir. Esta abordagem antropológica ressalta a complexidade das interações culturais e a necessidade de abordagens mais nuanciadas e empáticas no diálogo intercultural.

A aplicabilidade das tradições yorubanas no campo ecológico-ambiental oferece uma perspectiva única sobre sustentabilidade, enraizada em crenças e práticas culturais

profundas. A religião tradicional yorubana, com sua ênfase na interconexão entre seres humanos, natureza e o espiritual, promove uma relação harmoniosa e respeitosa com o meio ambiente. Isso dá, pois, para os Yorùbá a natureza e seus elementos são sacros, como defende Danoye Oguntola-Laguda: “Os Yorùbá reconhecem a sacralidade de todos os elementos da natureza, vendo-os como manifestações dos Òrìṣà, divindades que regem forças naturais e aspectos da vida humana” (LAGUDA,2022, p.631-33).Samuel Kayode Olaleye, irá apontar como a religião tradicional yorubana, contribui para conservação da natureza e seus recursos naturais: “a religião indígena yorubana através do sistema de adivinhação Ifá, promovem a sustentabilidade ambiental, enfatizando a importância de preservar o meio ambiente para as gerações futuras” (OLALEYE,2023, p.20-23).

Concomitante as virtudes ecológicas nas tradições yorubanas são profundamente enraizadas em suas crenças e práticas religiosas, as quais enfatizam uma conexão intrínseca entre os seres humanos e o meio ambiente. Essas tradições promovem o respeito e a preservação da natureza considerando-a como sagrada e habitada por divindades, os Òrìṣà, que regem os elementos naturais e as forças da vida.

Babalola (2000) destaca que as crenças tradicionais yorubanas incorporam estratégias importantes de ecologia, conservação e desenvolvimento sustentável, reconhecendo que "explicações espirituais frequentemente incorporam ecologia importante, conservação e estratégias de desenvolvimento sustentável" (BABALOLA, 2000, p. 125-129). Isso reforça a ideia de que as práticas espirituais yorubanas não são apenas rituais ou tradições culturais; elas têm implicações diretas para a conservação do meio ambiente e para o desenvolvimento sustentável.

O cuidado ambiental na tradição Yorùbá é profundamente enraizado em sua cultura, e isso também se dá pela sua religião tradicional, que veem a Terra como sagrada e encorajam uma relação de respeito e proteção com o meio ambiente. Essa perspectiva é sustentada por uma consciência ambiental que reconhece a interdependência entre os seres humanos e a natureza, promovendo ações responsáveis para com o cuidado do planeta.

Em "Environmental Issues in Yorùbá Religion: Implications for Leadership" (Obafemi, 2021), é destacado que os Yorùbá estão em constante consciência e reconhecimento da senhoria divina de Deus sobre toda a Terra. Eles acreditam que "o homem é um inquilino na Terra de Deus" (Idowu, 1978:206), o que reforça a importância de seu papel de guardião na proteção da Terra. Essa crença profundamente enraizada motiva uma atenção especial ao meio ambiente e à necessidade de práticas sustentáveis.

Concomitantemente, as narrativas da criação, tanto na tradição Yorùbá quanto na bíblica, oferecem ricos ensinamentos sobre a interação entre os seres humanos e o meio ambiente, destacando virtudes ecológicas fundamentais que podem servir como base para uma relação mais harmoniosa e sustentável com a natureza. A análise dessas narrativas revela não apenas a importância atribuída à criação, mas também princípios de respeito, responsabilidade, sustentabilidade e valorização da biodiversidade. Essas virtudes, presentes em ambas as tradições, abrem caminho para um diálogo produtivo entre elas, promovendo uma compreensão mais profunda e integrada da ética ambiental.

Tanto a narrativa Yorùbá quanto a bíblica começam com uma visão de mundo onde a criação é tratada com profundo respeito e reverência. A criação é vista como boa e sagrada, um dom que deve ser preservado e protegido. Essa visão incentiva uma atitude de cuidado e admiração pelo mundo natural. Ambas as tradições enfatizam a interconexão entre todos os elementos da criação e a importância da diversidade biológica. A criação de múltiplas formas de vida, cada uma com seu papel único no ecossistema, destaca a necessidade de manter o equilíbrio natural e proteger a biodiversidade.

A responsabilidade pela preservação do meio ambiente é um tema central nas duas narrativas. Os seres humanos são vistos como guardiões da criação, encarregados de cuidar e proteger o mundo natural. Essa responsabilidade implica uma gestão cuidadosa dos recursos naturais, garantindo sua sustentabilidade para as gerações futuras. A sustentabilidade é um princípio chave, evidenciado pela ênfase na realização de oferendas e rituais antes da criação no mito Yorùbá, bem como pela ordem e método na criação bíblica. Esses aspectos sugerem que qualquer intervenção no meio ambiente deve ser precedida de reflexão e planejamento cuidadoso para assegurar que as ações humanas não prejudiquem o equilíbrio natural.

A possibilidade de diálogo entre as tradições Yorùbá e bíblica sobre as virtudes ecológicas é vasta. Ambas enfatizam a importância do respeito pelo meio ambiente, a interdependência de todas as formas de vida, a responsabilidade humana na gestão dos recursos naturais e a necessidade de sustentabilidade. Essas semelhanças conceituais oferecem uma base sólida para o intercâmbio de ideias e práticas que podem enriquecer ambas as tradições. Além disso, o diálogo entre essas visões de mundo pode contribuir para um entendimento mais amplo e inclusivo da ética ambiental, promovendo uma consciência global sobre a importância de cuidar do nosso planeta.

Em suma, as narrativas da criação Yorùbá e bíblica fornecem insights valiosos sobre como os seres humanos devem interagir com o meio ambiente. Ao focar nas

virtudes ecológicas compartilhadas por essas tradições, podemos encontrar caminhos para uma relação mais sustentável e respeitosa com a natureza, evidenciando a relevância perene dessas histórias antigas para os desafios ambientais contemporâneos.

Conclusão

A presente dissertação constitui uma contribuição de relevância inestimável para o estudo comparativo das narrativas de criação nas tradições bíblica e iorubana, promovendo uma ampliação substancial da compreensão acerca das complexidades e riquezas intrínsecas a essas cosmogonias, bem como de suas implicações teológicas, culturais e sociais. Ao mergulhar meticulosamente nas profundidades das narrativas contidas no Livro do Gênesis e nos mitos iorubanos da criação, este trabalho não apenas arroja luz sobre as semelhanças e distinções entre essas tradições religiosas, mas também sublinha a importância do diálogo inter-religioso e da apreciação das diversas cosmovisões na construção de um mundo mais inclusivo e respeitoso.

A análise escrupulosa das tríades divinas - Elohim-Dabar-Ruah na tradição bíblica e Olódumarè-Ọ̀bàtálá-Odùduwà na tradição iorubana - não só evidencia as estruturas teológicas que sustentam cada sistema de crença, mas também delinea as concepções inerentes a cada um destes sistemas acerca da divindade, humanidade e mundo natural. Esta abordagem comparativa enriquece substancialmente a compreensão das percepções das entidades divinas em relação ao ato criador e à ordem cósmica, destacando, assim, a diversidade e a riqueza das expressões religiosas humanas.

Adicionalmente, ao focalizar as contribuições contemporâneas de autores yorubano-africanos e a ressurgência das fontes ancestrais para uma leitura decolonial, este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a necessidade de superação do racismo e uma apreciação mais profunda das tradições religiosas africanas. Tal abordagem coaduna-se com os objetivos de fomentar o ecumenismo, o diálogo inter-religioso e a conscientização ambiental, insinuando que as narrativas de criação encerram insights valiosos para o respeito à Criação e ao cuidado ambiental.

A conclusão deste estudo reafirma a importância de persistir na exploração do pensamento religioso africano no contexto educacional brasileiro, particularmente no que concerne à teologia e à educação ambiental. Este empenho não apenas concorre para uma compreensão mais abrangente das dimensões espirituais e culturais das narrativas de criação, mas também fomenta uma apreciação mais enriquecedora da diversidade

religiosa como recurso inestimável para abordar os desafios contemporâneos, incluindo questões de justiça social e sustentabilidade.

Dessa maneira, a presente dissertação se erige como um marco de significância ímpar no estudo das cosmogonias bíblica e iorubana, conferindo contribuições inestimáveis aos campos da teologia sistemática, pastoral e espiritualidade. Por conseguinte, não só avança no domínio do conhecimento acadêmico, mas também instiga uma prática reflexiva que valoriza o diálogo inter-religioso como meio de construção de pontes entre diferentes tradições religiosas e culturais, em busca de um mundo mais justo, pacífico e sustentável.

REFERÊNCIAS

ABÍMBÓLÁ, Kólá. **Yorùbá Culture: A Philosophical Account**. New Jersey: BookBaby, 2014.

ADERIBIGBE, Ibigbolade S.; FALOLA, Toyin (Orgs.). **The Palgrave Handbook of African Traditional Religion**. Berlin: Springer Nature, 2022

ADEWUYI, Olayinka Babatunde Ogunsina. **Ọ̀bàtálá: The Greatest and Oldest Divinity**. North Caroline: Lulu Press

ÀKÀNGBÉ, Adéníyí. **Encyclopedia of the Yorùbá**. Indiana: Indiana University Press, 2016.

AKINTOYE, Stephen Adebajji. **A History of the Yorùbá People**. Dakar: Amalion

ARANA, Andrés Ibáñez. **Para compreender o livro de Gênesis**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BENISTE, José. **Mitos Yorubás: O Outro Lado do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002. BOTTERWECK, Gerhard Johannes. **Grande Lessico Dell'Antico Testamento**. Lombardia: Paideia Editrice, 2002.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018

CHOURAQUI, André. **A Bíblia: no princípio (Gênesis)**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Rio Grande do Sul: Educs, 2002.

FÁDÍPÈ, Akínrínlá. **Sociology of the Yorùbá**. Ibadan: Ibadan University Press, 1991

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FRIEDMAN, Richard. **Who wrote the Bible?** New York: Simon & Schuster, 2019

GUNKEL, Hermann. **Genesis**. Georgia: Mercer University Press, 1997

IDOWU, Emanuel Bolaji. **Olódùmarè: God in Yorùbá belief**. Lagos: African Tree Press, 1962.

KIBUUKA, Brian. **A Torá Comentada**. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

OGUNDIRAN, Akinwumi. **The Yorùbá: A New History**. Indiana University Press, 2020.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: companhia das letras, 2001.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RAMOSE, Mogobe. **Sobre a legitimidade e o estudo da Filosofia Africana**. Ensaios Filosóficos, Rio de Janeiro, v. 4, p. 6-24, 2011.

RÖMER, Thomas. **A Origem de Javé: o Deus de Israel e seu Nome**. São Paulo: Paulos Editora, 2016.

SÀLÁMÌ, Síkírù. **EXU e a ordem do universo**. São Paulo: Editora Oduduwa, 2015.

SANTOS, Juana Elbein. **Os Nágô e a Morte**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa, 1998. **La Globalización del derecho: los nuevos caminos de la regulación y la emancipación**. Bogotá, Colombia: ILSA; Universidad Nacional de Colombia, 1998.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1995.

TILLICH, Paul. **Christianity and the Encounter of the World Religion**. New York: Columbia University Press, 1963.

TILLICH, Paul. **Theology of Culture**. New York: Oxford University Press, 1959.

VON RAD, Gerhard. **Genesis, Revised Edition: A Commentary.** Kentucky: Westminster John Knox Press, 2014

WALSH, Catherine. **On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis.** Duke University Press, 2018.